

ANDRÉIA DANIELLE ANDRIOLI

**GÊNERO E EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA ANÁLISE DA PRÁTICA ESCOLAR EM
FUNÇÃO DOS ESTUDOS FEMINISTAS E DA PRODUÇÃO TEÓRICA
BRASILEIRA A PARTIR DA DÉCADA DE 80**

**Monografia apresentada como requisito parcial
para conclusão do Curso de Licenciatura em
Educação Física, do Departamento de
Educação Física, Setor de Ciências Biológicas,
da Universidade Federal do Paraná.**

ORIENTADOR: PROF. MS. TONY HONORATO

Dedico este trabalho aos meus pais Alceu e Jacira em reconhecimento ao amor e ao esforço que tiveram para garantir-me uma boa formação, e especialmente ao meu namorado Ricardo que esteve presente com amor e carinho em toda minha trajetória acadêmica.

Amo vocês!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter completado com sucesso mais uma etapa de minha vida...

Aos meus pais por me tornarem uma mulher forte e capaz de encarar de frente todos os problemas que apareceram durante minha trajetória acadêmica, agradeço pelo amor recebido durante minha educação e pelo esforço que tiveram para garantir-me uma boa formação...

Ao meu namorado Ricardo, que sempre acreditou e confiou em mim, por ter me acompanhado nestes últimos anos de faculdade, sempre presente e disposto a ajudar mesmo que isto custasse nossos finais de semana, pela compressão de minhas ausências em certas ocasiões, pelas horas em que passou ao meu lado enquanto eu estudava e por seu amor que dá sentido e alegria a minha vida...

À grande amiga Ana Paula, amiga que estive ao meu lado desde o primeiro dia de aula, amiga que se fez presente nos momentos difíceis e nos momentos felizes, amiga para sempre...

À amiga irmã Fernanda, que tanto amo, que soube me aconselhar quando eu mais precisava e que sempre estive ao meu lado torcendo pelo meu sucesso...

Aos meus amigos do handebol, com quais aprendi o real significado da amizade, em especial a Renata Torres, grande crítica, com quem compartilhei grandes momentos e muitas risadas...

Aos meus amigos Cássio, Lilian e Acácia, que apesar da distância nunca deixaram-me só....

E a todos os colegas de Licenciatura e aos professores que direta ou indiretamente contribuíram para este estudo.

A batalha pela liberdade é uma luta que não tem fim. Nem suas vitórias são finais, nem suas derrotas são permanentes. Cada geração deve defender seu patrimônio, porque cada conquista desperta novas forças que tentarão substituir os antigos meios de opressão por outros. Não pode haver paz em um mundo que vive e cresce sempre, e cada batalha que nossos antepassados supunham ter acabado, terá de ser travada novamente por nós e pelos nossos filhos, se quisermos preservar e aumentar o patrimônio da liberdade.

Philip Van Doren Stern

SUMÁRIO

RESUMO	vi
1 INTRODUÇÃO	1
1.1 INTRODUÇÃO	1
1.2 PROBLEMA	2
1.3 JUSTIFICATIVA	3
1.4 OBJETIVOS	5
2 REVISÃO DE LITERATURA	6
2.1 FALANDO SOBRE GÊNERO	6
2.2 A CONSTRUÇÃO DO CORPO FEMININO NA SOCIEDADE	12
2.3 GÊNERO NA ESCOLA	14
2.4 A CONSTRUÇÃO DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA	16
3 METODOLOGIA	19
3.1 POPULAÇÃO E AMOSTRA	22
3.2 INSTRUMENTOS	22
3.3 PROCEDIMENTOS	23
4 RESULTADOS	26
5 DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	38
ANEXOS	39

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo identificar se as representações de gênero que se tinha na fala e na prática dos educadores na escola da década de 80 acompanhavam o discurso teórico do período e utilizando-se da entrevista como o instrumento da pesquisa de campo procurei ancorarme na perspectiva da história oral para fazer a investigação dos dados levantados, junto a docentes da região de Curitiba que ministraram aulas de Educação Física em escolas públicas. A partir de então trabalhei com os recortes das entrevistas e por fim fiz as articulações com produção teórica da época. Ao analisar parte da literatura brasileira produzida a partir da década de 80, relacionada com o campo de estudos de gênero e Educação Física, pude encontrar variadas tentativas de diálogo entre os diversos campos do saber, inclusive com o campo específico da Educação Física, na qual o conceito de gênero tem permitido, entre outras instâncias, a compreensão de construções históricas em torno do sexo, enfatizando os mecanismos e as instituições culturais que estão envolvidas nesta construção. Com o objetivo de analisar então um material teórico que pudesse dar suporte a uma pesquisa de campo, ao longo da trajetória desse estudo, discorro sobre algumas dimensões de gênero e seus conceitos, sobre a mulher e seu lugar na sociedade e as implicações de gênero na escola e na Educação Física. Assim no presente trabalho a revisão de literatura divide-se em quatro itens: *Falando sobre Gênero*, *A Construção do Corpo Feminino na Sociedade*, *Gênero na Escola* e por fim *A Construção de Gênero na Educação Física*.

Palavras chaves: Gênero, Educação Física, Escola.

1 INTRODUÇÃO

1.1 INTRODUÇÃO

No decorrer da história, segundo a literatura podemos perceber inúmeras desaprovações impostas, principalmente às mulheres, tanto na família, no trabalho, como nos seus direitos políticos e a na educação, na Educação Física não é diferente, a mulher integra um grupo que tem menos acesso a certos serviços ou atividades. Como a década de 80 foi marcada por um período de transição e transformação, as mudanças referentes às questões de gênero começaram a aparecer através de uma sociedade mais democrática.

Com o processo de redemocratização a sociedade brasileira sofreu diversas transformações nos contextos sócio-econômicos e políticos na década de 80. Esta década foi marcada por altos índices de inflação e pelo fim do *boom* econômico, com as negociações com o FMI o Brasil ficou a mercê do mercado internacional perdendo sua autonomia, então passou a ser um país marcado por uma profunda crise econômica, por uma inflação desenfreada, pela recessão, desemprego e o aumento da dívida externa, e conseqüentemente pelo sucateamento dos serviços públicos, inclusive o do ensino.

As transformações sofridas pelo país no âmbito da política e da economia influenciaram a questão educacional, e com o fim da censura houve o favorecimento da produção de uma literatura educacional crítica. A modificação da estrutura educacional veio com as reformas dos anos 80 através de uma política educacional alternativa adotada pelos profissionais da educação presentes na secretarias de educação. Nesta década o pensamento tecnicista que predominava na escola tradicional sofreu diversas críticas, através de uma concepção emancipatória de educação e formação, esperava-se que a escola avançasse para a democratização das relações de poder em seu interior e para construção de novos projetos coletivos contribuindo no processo de transformação social.

A Educação Física também foi alvo das críticas decorrentes dos movimentos da década de 80, a perspectiva de aptidão física, a esportivização como forma de manipulação das massas e a idéia de neutralidade da prática pedagógica eram antes o modelo ideal. O movimento crítico passou a explicitar um sentido político da

educação que denunciava o papel conservador do sistema educacional e sua função de veículo de reprodução do modelo capitalista. Esta Educação Física convencional influenciada pela pedagogia tradicional que se preocupava unicamente com o aspecto biológico do ser humano e que servia à mecanização e automatização dos movimentos expressos nos esportes, fazia com que uma grande parte da população que não conseguia o desempenho corporal esperado, fosse discriminada perante a sociedade, e a mulher tornava-se parte integrante deste grupo, e ainda o compõe na atualidade, pois biologicamente seu corpo é mais frágil.

Os movimentos de crítica da época não conseguiram diminuir as diferenças existentes entre homens e mulheres e a aula de Educação Física continuou sendo um espaço que aumentava estas diferenças, o sexismo servindo como um mecanismo das distinções de gênero acabou estimulando concepções, interesses e formas de comportamento específicos para cada sexo preparando condições diferenciadas para ambos nas aulas, impedindo o desenvolvimento de “uma cultura democrática e participativa que reconheça e defenda os direitos e obrigações e ao mesmo tempo garanta o exercício pleno da cidadania para todas as pessoas”. (PARRA *apud* : SARAIVA & KUNZ, 1994 p.247)

1.2 PROBLEMA

Observando o interior das instituições escolares podemos constatar que a Educação Física ainda contribui para as desigualdades existentes nas relações de gênero, ela acaba reproduzindo determinados padrões de comportamento estabelecidos para as crianças desde seu nascimento até sua idade adulta, padrões de comportamento que se apropriam para o sexo feminino ou masculino e que são impostos por fatores históricos, culturais, econômicas e muitas vezes comerciais. Será que as representações de gênero que se tinha na fala e na prática dos educadores da década de 80 acompanharam o discurso teórico, já que essa época foi marcada pela transformação da sociedade em todos os segmentos.

1.3 JUSTIFICATIVA

Através da produção de preconceitos que se perpetuam no indivíduo ao longo da sua existência, e as desvantagens educativas em que se encontra o grupo que sofre essas desigualdades, as formas de manifestações ligadas ao sexo nas aulas de Educação Física devem ser criticadas e analisadas para que possam ser superadas, porque apesar de algumas mudanças ocorridas no currículo das escolas e nas metodologias dos professores, a escola pode estar reproduzindo e produzindo as diferenças e desigualdades sociais.

As questões de gênero serão levantadas ao chegarmos a uma escola para dar aulas e nos depararmos com uma aluna que não quer participar de um jogo de futebol, porque aprendeu desde criança que as meninas devem jogar vôlei, talvez até queira jogar, mas não se sentiria a vontade porque não tem habilidade como os meninos pelo fato de nunca ter praticado. Esse tipo de situação é comum na rede escolar brasileira, o professor tem o papel fundamental na formação da criança e conseqüentemente a educação física também, o desafio é implementar uma educação que vise o desenvolvimento global do aluno, encarando aspectos sociais, políticos, econômicos, biológicos e psicológicos e dentro destes parâmetros almejar uma educação igualitária e transformadora onde a prática da atividade seja igual para todos. O problema é que não só o profissional de educação física como também os demais educadores podem estar colaborando para a manutenção dos estereótipos e distinção de tratamento entre meninos e meninas. O profissional de educação física muitas vezes deixa de planejar uma aula que contenha um trabalho desprovido de valores sexistas.

Não podemos esquecer da importância do papel de educador dos pais, onde muitas vezes se vê as distinções na criação das crianças, onde geralmente acabam por estimular os filhos e reprimir as filhas, os pais podem facilitar o papel do educador para que não haja a discriminação da mulher na sociedade, onde a mesma costuma ficar submissa ao homem e a cumprir regras que lhes são preestabelecidas para que nunca superem ou iguale-se a ele.

Abordando a situação específica da mulher, podemos analisar a discriminação que começa na escola, onde não são encorajadas a participar de brincadeiras mais enérgicas ou que exijam força e quando resolvem participar são

julgadas pelos colegas, pais e até mesmo pelos professores que muitas vezes insistem em jogar uma corda ou uma bola de vôlei achando que isso é o suficiente para o desenvolvimento motor e cognitivo de uma menina. Muitas nem querem praticar outras modalidades por falta de vontade e também por vergonha, pois não se sentem à vontade praticando esportes que são caracterizados como masculinos, por vivermos em uma sociedade que atribui papéis sexuais e comportamentos distintos para cada sexo, e quem não se enquadra neste parâmetro está fora dos padrões, isto é, não é aceito pela sociedade.

Apesar das lutas das frentes feministas contra a desigualdade é difícil acabar com estas diferenças, pois além do ambiente familiar, que muitas vezes exige uma postura da mulher **feminina**, a escola oferece uma educação desigual onde os valores passados aos alunos estão de acordo com a distinção de sexo e gênero, estas escolas não oferecem aos alunos uma educação completa e seus professores não entendem que a aula de Educação Física não é um mundo somente masculino.

É difícil para um menino aceitar a presença feminina nos seus jogos ou brincadeiras, ele cresce ouvindo de todos os lados que a mulher é o sexo frágil, que a menina não é inteligente o bastante para tomar decisões e que seu corpo é biologicamente mais fraco. A distinção biológica para muitos estudiosos é o ponto de partida das desigualdades, a partir do momento em que o corpo feminino é encarado como mais delicado, suas atividades restringem-se aos trabalhos manuais ou que exijam habilidades finas, mas não é só o corpo biológico que diferencia os sexos, os papéis atribuídos a estes que tem grande peso na hora da diferenciação, diferenças que ao longo da história foram aumentando e se afirmando, e estão de acordo com a cultura.

As Pedagogias Feministas surgiram com o intuito de acabar com a diferença, com discriminação por parte, não só do homem, mas também da sociedade dentro e fora da escola, essas pedagogias visam uma educação igualitária para todos onde a criança pode ser autocrítica e possa olhar mundo com uma visão renovada, em que conceitos e valores ultrapassados não atrapalhem seu desenvolvimento e seu relacionamento com os outros, essas pedagogias procuram fortalecer o papel da mulher dentro da sociedade.

1.3 OBJETIVOS

Fazer uma análise da literatura brasileira que foi produzida a partir de 1980 sobre **gênero e educação física**.

E através da análise da prática educativa dos docentes nas aulas de Educação Física, identificar como se manifestam as relações de gênero.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 FALANDO SOBRE GÊNERO

O significado da palavra gênero que aqui nos interessa não é o mesmo que contém nos dicionários. Foi com a intenção de facilitar o trabalho dos estudiosos da área de sexo e sexualidade que o termo tornou-se utilizado, significando a distinção da prática sexual, dos papéis sexuais atribuídos ao sexo masculino e feminino. Segundo Scott *apud* Girardi (1996, p.7) “gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os dois sexos e é uma forma de designar relações de poder”.

Cada sociedade estabelece suas próprias relações de gênero e de poder, e cada sociedade tem hábitos que lhe são próprios, havendo uma sociedade com instruções de gênero distintos para ambos os sexos. (MAUSS *apud*: GIRARDI, 1996, p.10)

Segundo Luz (2001), nas décadas de 80 e 90 houve um aumento significativo na produção acadêmica oriunda da pós-graduação e dos trabalhos acadêmicos sobre gênero, termo pouco utilizado socialmente durante muito tempo.

A definição da palavra gênero pode ser encontrada no novo Aurélio - Dicionário da língua portuguesa - séc. XXI, onde é demarcado por quatro aspectos: 1º refere-se à classe, espécie, variedade, ordem, qualidade, tipo; 2º à mania, modo, estilo; 3º a uma unidade de sistemas de classificação e o 4º á uma divisão dos nomes de acordo com os critérios como o sexo e associações psicológicas. Como se pode constatar a palavra gênero no dicionário não tem um significado adequado para os estudos de gênero que se pretende abordar. Levando em consideração os termos gramaticais, a palavra gênero quando fundamenta-se na distinção do sexo, a partir de valores e normas vigentes do contexto social, vem agregada por interesses, mas para que haja uma compreensão adequada do termo é necessário que se faça um estudo aprofundado na sua construção histórica e cultural.

Dentro da Educação Física que é uma área determinada pelas ciências médicas e da saúde, é interessante e desafiador encontrar definições para o termo gênero,

por isso é essencial optar também por produções oriundas dentro de outras áreas do conhecimento.

Para Luz (2001), é de extrema importância o conhecimento a respeito da palavra **gênero** e seus significados, para que se possa debater sobre o que foi escrito e produzido a partir da década de 80 sobre os **estudos de gênero**, e por ser o termo **gênero** o objeto central do estudo apresentado.

A partir dos anos 70, algumas estudiosas começaram a contestar a divisão de papéis sexuais e os elementos de subordinação utilizados contra as mulheres começaram a ser registrados.

Recorrendo a Miriam Grossi *apud* Luz (2001) a fundamentação do que hoje denominamos gênero ou relações de gênero, pode-se dizer que:

Os estudos de gênero são uma consequência das lutas libertárias dos anos 60, mais particularmente dos movimentos sociais de 1968: as revoltas estudantis de maio em Paris, a primavera de Praga na Tchecoslováquia, black panthers, o movimento hippie e as lutas contra as guerras do Vietnã nos EUA, a luta contra a ditadura militar no Brasil. Todos estes movimentos lutavam por uma vida melhor, mais justa e igualitária e é justamente no bojo destes movimentos libertários que vamos identificar um momento chave para o surgimento da problemática do gênero quando as mulheres que nele participaram perceberam que apesar de militarem em pé de igualdade com os homens tinham nestes movimentos um papel secundário. Raramente elas eram chamadas a assumirem a liderança política: quando se tratava de falar em público ou ser escolhida como representante do grupo elas sempre eram esquecidas e cabia-lhes em geral o papel de secretárias e ajudantes de tarefas consideradas menos nobres como fazer faixas ou panfletar. (p. 27)

No final da década de 60 e no decorrer da década de 70 os movimentos feministas foram impulsionados por uma incorporação dos estudos relacionados as relações afetivo-sexuais pelo espaço acadêmico, então diversas disciplinas acadêmicas buscaram encontrar o espaço das mulheres até então desconhecido. A princípio os estudos sobre a condição feminina baseavam-se na opressão das mulheres nas sociedades patriarcais, como também no contexto das relações de trabalho na classe capitalista, onde a divisão sexual do trabalho era explicada pela exploração dominadora entre o dono dos meios de produção e o trabalho assalariado.

Muitos estudos sobre a condição feminina eram denominados em torno de um autor chamado Friedrich Engels, ele afirmava que a mulher era a primeira

propriedade privada do homem, e fundamentavam-se na temática da mulher na sociedade de classes.

Já na década de 80 no Brasil questionava-se nas pesquisas a única condição feminina, dizia-se que não era a única e sim condição de várias mulheres, negras, brancas, amarelas, Índias, ricas e pobres, o que se caracteriza na discussão das diferentes constituições da condição feminina, o que precede então o chamado **estudos da mulher**, mas ainda analisando o aspecto de sua condição biológica, independente da sua condição social. A pergunta então permaneceu, a condição feminina deveria ser problematizada nos estudos sobre as relações sociais de sexo ou estudos de gênero?

No final da década de 80 e início dos anos 90 o termo gênero passou inicialmente a ser utilizados por estudiosas feministas, inclusive no movimento feminista americano que a princípio preferia utilizar a expressão **relações sociais de sexo**. O conceito de gênero então passa a rejeitar os confrontos entre os sexos, como era invocado pelas feministas nos anos 70 e no qual postulavam-se as idéias de que “[...]a ausência de homens era uma forma de garantir a palavra das mulheres”.(GROSSI *apud* : LUZ, 2001, p.30)

Segundo Luz (2001) o movimento feminista critica as concepções que ressaltam o conceito de igualdade enquanto modelo universal em detrimento do conceito de diferença.

No Brasil, os estudos sobre gênero disputam o campo de discussões com os estudos sobre a mulher, resultantes dos movimentos sociais dos anos 60 e 70 e sobretudo a década de 80.

Segundo Lia Machado *apud* Luz (2001, p.30) a partir da década de 80, os estudos de gênero começaram a ganhar espaço em relação aos estudos sobre a mulher, onde vem também, ampliando e modificando suas temáticas em relação aos estudos anteriores.

Os conceitos sobre gênero, e as variadas posições teóricas tomadas por diversos estudiosos que articularam o conceito, sejam estudiosos marxistas, pós – estruturalistas e outras que não pretendem qualquer rotulação, causam um constante tencionamento entre as entidades estudosas do assunto.

Luz (2001) ressalta que o gênero assume o papel de representar a construção social e histórica dos sexos, levando em consideração o caráter social relacional da própria construção.

É importantíssimo que se destinga gênero de sexo para que se possa aprofundar nos estudos de gênero, pois os termos permitem interpretações conceituais diferenciadas, o sexo indica o aspecto biológico dos indivíduos e o gênero analisa a construção social das relações entre homens e mulheres. Então o foco central da definição segundo Joan Scott (1990, p.14) é “[...] a relação fundamental entre duas proposições: o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é o primeiro modo de dar significado às relações de poder”.

Para Scott (1990) o gênero na perspectiva da primeira proposição contém quatro elementos que se relacionam entre si:

- Os símbolos disponíveis culturalmente, evocando sempre as representações simbólicas.
- Os conceitos normativos que tornam evidentes a linguagem desses símbolos.
- As instituições e organizações sociais, podendo ser definidas, aqui, como referentes ao mundo do trabalho, às relações de parentescos, à educação e ao sistema político.
- As identidades subjetivas, cujas interpretações não devem ser reduzidas apenas às concepções biopsicológicas, pois assim nega-se o aspecto histórico e social dessa categoria.

Analisando a segunda proposição, que diz respeito às relações de poder, a partir dos estudos de Foucault, na qual estende-se que,

o poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede, [...] não se aplica aos indivíduos, passa por eles. (FOUCAULT *apud* : LUZ, 2001, p.32)

Robert Connel citado por Luz (2001, p.33), relata que o gênero é,

[...]a forma pela qual as capacidades reprodutivas e as diferenças sexuais dos corpos são traduzidas para a prática social e tomadas partes do processo histórico. No gênero a prática social se dirige aos corpos. Através dessa lógica, as masculinidades são corporificadas, sem deixar de ser sociais.

Segundo Louro (1997):

problematizar tanto a oposição entre [...] [os indivíduos] quanto a unidade interna de cada um. implicaria observar que o pólo masculino contém o feminino (de modo desviado, postergado, reprimido) e vice-versa; implicaria também perceber que cada um desses pólos é internamente fragmentado e dividido (afinal não existe a mulher, mais diferentes mulheres que não são idênticas entre si, que podem ou não ser solidárias, cúmplices ou opositoras). (p.31-32)

Para Joan Scott *apud* Luz (2001, p.34) é necessário que se faça uma desconstrução que é fundamentada na teoria pós estruturalista, que tem com foco central a hierarquização de pares opostos como bem/mau, presença/ausência, unidade/diversidade.

Os últimos estudos de gênero assumem um caráter interdisciplinar embasados por quatro abordagens teóricas; o neo-evolucionismo, o culturalismo o estruturalismo, até chegar aos dias de hoje no que se confere como pós – modernismo, além disso, Miriam Grossi *apud* Luz (2001, p.35), afirma que há um “[...]diálogo e ajuste da categoria gênero à luz da contribuição teórica de várias disciplinas, nem sempre complementares entre si”.

Na visão de Luz (2001) os estudos podem estender-se além da disciplina Antropologia, para outras áreas como a Sociologia, Pedagogia, História, entre outras. Já no contexto da Educação Física, cujas vertentes teóricas estão ligadas as ciências biológicas e não as ciências sociais há uma necessidade , segundo o autor, de uma discussão a respeito dos conceitos vinculados as ciências humanas e sociais. Para o autor há uma indagação quanto a definição apropriada de gênero utilizados por profissionais da área de Educação Física em algumas trabalhos e algumas pesquisas.

Analisando as concepções observam-se conceitos diferentes para cada uma, por isso é necessário que quando se fala em estudos sobre gênero é imprescindível que se tenha conhecimento sobre o que, ou de quem se esta falando, o que simboliza ou representa, que ou quais sentidos constituem.

Nas temáticas como igualdade, diferença, poder, sexualidade, identidade, papéis sociais, entre outros, é importante que se tenha a prática da reflexão para que se possa esclarecer certas indagações.

Segundo Aguiar *apud* Luz (2001) a cerca do debate sobre gênero e sobre as indagações existentes sobre as temáticas envolvidas nos estudos observa-se que na perspectiva de vários autores,

à natureza das dificuldades encontradas com vistas a superar essas lacunas, situa-se no âmbito das principais oposições, tais como natureza e cultura, público e privado, doméstico e mercado, micro e macro.[...] ...por vezes a dificuldade apontada não se refere a um dualismo da natureza humana, mas a um monismo explicativo, cuja resultante é a mesma omissão, ou redução teórica empobrecedora, que esconderia assim a persona feminina.(p. 38)

Segundo a literatura em geral os homens e as mulheres no que se diz a respeito a questão acima, comportam-se diferentemente de acordo com a cultura em que estão inseridos, e as diferentes culturas determinam diferentes comportamentos e diferentes papéis para o masculino e o feminino.

Levando em consideração que as questões biológicas não pesam tanto no destino do ser humano, espera-se cada vez mais um modelo único no que diz respeito ao desempenho de funções sociais. Por outro lado, o reconhecimento de atribuições diferentes de um e de outro sexo não pode ser polarizado, “que cada um faça alguma coisa que o outro não possa fazer não deve ser encarado pelo ângulo da oposição, mas como uma troca mútua, que não deprecia **um** para melhor valorizar o **outro**”. (BADINTER *apud*: SARAIVA/KUNZ, 1994, p. 250)

Porém as questões biológicas e as questões de função social vão delineando-se durante toda a vida do indivíduo, começando em casa, mas precisamente nas relações familiares.

Com relação a família e aos papéis sexuais estereotipados, as manifestações ocorrem desde o nascimento da criança, quando se espera o resultado do parto. Ser menino ou menina traz em si a forte importância que o sexo exerce em nossa cultura. (TOSCANO *apud*: GIRARDI, 1996, p.11)

E ainda,

é através da própria família que a criança se integra no mundo adulto. Nesse meio aprende a conotar seus afetos, avaliar e selecionar suas relações (...), é na família que a criança recebe orientação e estímulo para ocupar um determinado lugar na sociedade adulta, em função de seu sexo, sua raça, suas crenças religiosas, seu estatus econômico e social. Os jovens aprendem e assumem as atitudes e papéis do pai e da mãe. Isso torna-se claro quando observamos a

educação diferenciada das crianças conforme o sexo". (NUNES *apud*: GIRARDI, 1996, p.11)

2.2 A CONSTRUÇÃO DO CORPO FEMININO NA SOCIEDADE

"Homens e mulheres não podem ser absolutamente definidos nos seus corpos, apesar desses serem essenciais em sua situação no mundo, mas sim por suas atividades no seio da sociedade". (BEAUVOIR *apud*: SARAIVA/KUNZ, 1994, p.248)

As diferenças entre os seres humanos são tantas que até permitem diferenças culturais. O ser humano tem um potencial tão grande para a diferença que ele nunca deveria ser mecanicamente trabalhado em termos machistas, raciais ou etnocêntricos. "Essas oposições mecânicas violentam, logo na primeira infância, tanto meninas como meninos, elas reprimidas em sua agressividade; eles, bloqueados na sensibilidade e na afetividade"(WHITAKER, 1988, p.43).

As diferenças biológicas são salientadas pelas relações culturais, pois Whitaker (1988) afirma que os homens por exemplo, tem menos pudor quando o assunto é mostrar o corpo e quanto a não utilização de algumas peças de roupa, pois suas roupas são mais confortáveis e quando sentem calor podem arrancá-las quase toda, já as mulheres quando utilizam uma peça de roupa que mostre todo o corpo, como na praia, não estão livres de olhares reprovadores, pois além de tudo tem que exibir um belo corpo. Chamada pela autora de uma impiedosa repressão estética que implica na imposição de padrões de beleza corporal que poucas meninas podem alcançar. Tornam-se assim objetos de desejo e começam a comportar-se como tal, prestando atenção somente em seu próprio corpo.

No Brasil as considerações feitas a respeito da importância das mulheres nem sempre foram tradicionalistas, de acordo com Whitaker (1988) desde a época do império há uma constante submissão da figura feminina. A história do Brasil relata os grandes feitos da figura masculina e a sujeição da mulher perante a família patriarcal. No entanto, sabe-se hoje que a família "popular" no Brasil Colônia não era patriarcal e que as mulheres chefiaram famílias, trabalharam pelas ruas, foram comerciantes e participaram de conspirações. Então, porque os méritos são dados apenas para homens?

O que coube a mulher ao longo da história foi somente os cuidados da casa, das crianças, do marido.

Segundo Whitaker (1988) a mulher sujeita à dominação masculina, torna-se responsável pelo espaço privado que é constituído pela família e pelo lar. Vista pela sociedade como a parte dócil e frágil da família que não está preparada para enfrentar os problemas do mundo, a mulher perde até mesmo o controle da família, que é passado aos homens que são fortes, inteligentes e capazes de tomar decisões dentro e fora de casa, homens que são destinados a comandar os espaços públicos e o trabalho.

Quanto ao trabalho doméstico, entende-se que:

O trabalho doméstico, implica em orientar a menina, a servir os homens da casa. A filha está programada para cuidar dos pais na hora da necessidade, os meninos, em casa, não têm utilidade. Vale simplesmente porque são homens. No velho mundo, a força muscular masculina era posta a serviço dos pais. Hoje as pessoas crescem e vão vender sua força e suas habilidades no mercado de trabalho, [...]

O fundamental na utilidade das meninas é o papel que desempenham dentro da casa auxiliando a mãe no trabalho doméstico. Aqui está o aspecto crucial na desvalorização da mulher. Pode 'vencer na vida', realizar descobertas, conquistar posições importantes no mundo dos negócios ou da cultura alguém que já nasce programado socialmente para lavar, passar, cozinhar ou no mínimo administrar o espaço doméstico?(WHITAKER, 1988, p.21)

Para Whitaker (1988) para escapar aos padrões é preciso muita luta por parte das mulheres, pois os padrões exercem o poder da dominação desde muito cedo. Das meninas ainda pequenas esperam-se comportamentos dóceis e meigos, mesmo que não estejam intrínsecos a sua personalidade. Quanto mais feminina a menina for mais amada e protegida ela será.

Sendo o aspecto sócio cultural que produz o corpo e segundo Bourdieu (1995) o corpo é constituído pelo mundo social por meio de um trabalho de formação permanente, entende-se então talvez que a identidade de gênero possa ser constituída a partir da cultura, conforme determinados momentos históricos.

Para Susana Bordo *apud* Luz (2001, p.33) embasada em Foucault é “por meio da organização e da regulamentação do tempo, do espaço e dos movimentos de nossas vidas, nossos corpos são treinados, moldados e marcados pelo cunho das formas históricas predominantes de individualidade, desejo, masculinidade e feminilidade”.

Pode-se dizer então que as relações sociais determinam como o masculino e o feminino são constituídos sócio e historicamente, nunca separados, mas em uma relação de interdependência sem ressaltar a oposição entre eles.

2.3 GÊNERO NA ESCOLA

Podemos entender que a escola atua como o veículo de transmissão e reprodução do sociabilização do saber sistematizado, pois ela acaba atendendo as finalidades da sociedade capitalista e colabora para a operacionalização dos meios educativos disponíveis, que reproduzem no interior da prática pedagógica a dominação do capital. A escola através da prática pedagógica específica que desenvolve expressa consciente ou inconscientemente um projeto histórico de sociedade.

Romero (1994) afirma que:

a escola, como aparelho ideológico do Estado, é responsável por propiciar uma educação que transmite e reforça os padrões de comportamento culturalmente estereotipados, auxiliando na reprodução das desigualdades que existem entre homens e mulheres. A educação mesmo nos dias de hoje, continua conduzindo meninos e meninas para os papéis que a sociedade lhes reserva. (p. 228)

Geralmente as expectativas, opiniões, percepções e mesmo as impressões que se formam para os professores a respeito dos alunos, contribuem para o aparecimento de futuros efeitos sobre as vidas dos mesmos, podem ser lembranças boas, mas podem marcar profundamente e negativamente a vida de uma criança.

Segundo Whitaker (1988) a escola é um ambiente que expõe diferenças explícitas. O primeiro problema sexista da escolaridade é a ausência da figura masculina na função de educar crianças pequenas. Somente a partir da 5ª série, quando a função do professor se especializa, adquirindo mais prestígio, é que começa a surgir o saudável contraste entre o feminino e o masculino. Porém, nessa altura as crianças já têm formado estereótipos bastante desvalorizadores da função da professora, pois a escola reproduz a situação da família: o homem ausente, ao qual se atribui o poder, e a mulher, mãe em primeiro lugar, exercendo profissões que suplementem o lar.

Segundo Romero (1994),

Observa-se, notoriamente, no ambiente escolar meninos e meninas apresentarem comportamentos distintos. Estes comportamentos são gratificados ou punidos, segundo as expectativas de modelo masculino ou feminino que o professor tem para o outro sexo. Dessa forma a dicotomia agressivo-passivo, repercute no convívio social da criança. (p. 228)

Para Whitaker (1988, p.63), muitas vezes a escola erra, pois espera das meninas “um comportamento sempre dócil, meigo, obediente, justificando atitudes agressivas dos meninos, alegando ser esta uma das características”. O professor aceita mais a bagunça do menino do que da menina, porque eles devem ser preparados para a iniciativa. Na menina procura-se suprir qualquer vestígio da agressividade, despreparando a futura mulher para a luta pela vida, transformando-a na mocinha bem comportada e passiva.

É imprescindível que a estrutura escolar passe por diversas mudanças pois, ela vem sendo atravessada por várias formas de cultura, pensamentos e indivíduos, tornando-se um espaço cada vez maior de homossexuais e mulheres, trazendo consigo questões impostas de discussão sobre sexo e sexualidade, a partir também da expansão da AIDS, do aumento das relações afetivas e sexuais fora do casamento normal, e uma grande revolução da mídia. Tudo isso favorece o rompimento de antigas barreiras sociais, de tempo e de espaço, promovendo a interação dos diversos sujeitos, modos de vida, comportamentos e valores, abrindo um leque de relações possíveis para o ser humano viver em sociedade. (LOURO, 1997)

2.4 A CONSTRUÇÃO DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Entendendo a Educação Física como uma prática social historicamente construída, segundo LUZ (2001), refletindo a sociedade na qual está inserida, analisando a partir da dominação capitalista onde a mesma têm:

[...] se desenvolvido segundo a moderna sociedade industrial, assumido desta os seus princípios e o desenvolvimento dessa sociedade quase que exclusivamente determinado pelos membros do sexo masculino, não é de se admirar que o esporte e a Educação Física moderna seja cunhado por formas tidas como masculinas de movimento e manifestação. (SARAIVA & KUNZ, 1994, p. 247).

Ao longo da história, segundo a literatura, a mulher sofreu diversas desaprovações e discriminações enquanto seus direitos políticos e sua educação, dentro destas desaprovações encontram-se a prática esportiva, pois:

[...]a idéia de fragilidade, elegância e dependência ao homem, não permitiam às mulheres a participação em atividades esportivas, tendo em vista os aspectos da competitividade, agressividade e virilidade presentes nas diferentes atividades esportivas. Isto gerou uma série de argumentos contra a participação das mulheres no esporte, pois essas atividades ou qualquer outra que interferisse nas suas atividades domésticas (servir ao marido e educar os filhos) e profissionais eram repudiadas e proibidas pela sociedade. Esse repúdio à participação das mulheres no esporte tinha como base aspectos médicos biológicos, psicológicos e culturais - muitas vezes infundados - que se tornaram crenças e tabus sociais que ainda perduram por mais incrível que possa parecer. (Simões, De Rose & Macedo, 1996, p.78)

No campo da Educação Física, através da influência que está mesma recebe do todo ao seu redor, a cultura sexista acaba por invadir as relações de gênero, apresentando-se como veículo de discriminação dos indivíduos no âmbito das práticas pedagógicas, pois, “a socialização específica para os sexos, tal como ainda ocorre nas aulas de Educação Física, gera a oposição e não a interação de ações nas práticas de movimento”. (SARAIVA & KUNZ, 1994, p.249)

Esse assunto apesar de ser recente, tem gerado debates e discussões no plano teórico, a respeito da oportunidade de direitos e obrigações e o exercício da cidadania para todos os indivíduos.

Percebe-se que apesar de recente, o debate sobre gênero apresenta uma significativa produção do conhecimento nessa área desde a década de 90, sendo

Esse assunto apesar de ser recente, tem gerado debates e discussões no plano teórico, a respeito da oportunidade de direitos e obrigações e o exercício da cidadania para todos os indivíduos.

Percebe-se que apesar de recente, o debate sobre gênero apresenta uma significativa produção do conhecimento nessa área desde a década de 90, sendo até temática específica de um número da revista do COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE – CBCE. Os trabalhos publicados sobre a questão de gênero na Educação Física na revista do CBCE, são provenientes de elaborações que resultaram em dissertações.

Segundo Luz (2001) os conteúdos mais abordados pelos(as) pesquisadores(as) sobre a Educação Física e a questão, foram conceitos ou termos como: papéis sexuais, ideologia sexista, estereótipos sexuais, mulheres em situação de violência, mulher e esporte, mulher e produção do conhecimento e Educação Física, gênero, cultura e gênero, corpo feminino e sociedade de consumo, padronização do corpo feminino e práticas da Educação Física. Em alguns trabalhos, aparecem algumas ações que possibilitam uma superação da socialização específica para os sexos especialmente para as práticas esportivas nas aulas de Educação Física sem distinção de sexo, tornando-se assim aulas co-educativas. O que se acaba alcançando através dessas ações no âmbito esportivo é intensificação do trabalho para as mulheres, tornando-as masculinizadas, o que deve ser questionado.

As questões que devem ser levantadas sobre o assunto, dizem respeito ao conceito de diferença, que não deve ser justificado pelas desigualdades. Assim acaba-se por reduzir o gênero humano a um único componente, o masculino, que é mantido pela sociedade, pelo âmbito familiar e escolar. É necessário então refletir sobre o tipo de organização social que vive em função do homem e não da mulher e que está respaldado pelos valores da cultura patriarcal, onde se aprofundam as desigualdades, exaltando o sexo masculino e inferiorizando o feminino, então é aí que a mulher tem a necessidade de masculinizar-se para se sobressair.

Fundamentando-se no discurso de que as mulheres são realmente seres inferiores, o que lhes resta é aceitação da submissão, restando-lhes apenas a separação dos homens/mulheres no espaço escolar e fora dele, o que é muito bem observado nas aulas de Educação Física.

Segundo Saraiva & Kunz (1994) enquanto as mulheres tentam ganhar espaço nos esportes dominados pelo sexo masculino, o inverso não acontece, não se vê os homens fazendo esforço para engajar-se nos esportes ditos femininos como a dança e a ginástica, salvos casos raros onde o homem tem sua masculinidade posta em dúvida pela sociedade.

Falando ainda do âmbito escolar, pode se encontrar alguns estudos resultantes de dissertações e teses que procuram compreender as relações de gênero nas aulas de Educação Física, e que ressaltam a necessidade da desconstrução dos estereótipos sexuais que marcam a sociedade, há também estudos que abordam a construção da figura na história da Educação Física.

Segundo Maria do Carmo Saraiva *apud* Luz (2001) as conseqüências provenientes das práticas sexistas na Educação Física podem ser de ordem: biofisiológica, psicológica e social. A biofisiológica caracteriza-se pelo desempenho, onde as mulheres estão prejudicadas no seu acervo motor devido à falta de vivências de várias práticas corporais oportunizadas apenas para os meninos. Na psicológica a menina acaba por acomodar-se com sua situação de inferioridade, e na social são estabelecidos os papéis sociais para ambos os sexos. Tudo isso remete muitas vezes a diferença de gênero que são tidas como diferenças de sexo.

As relações de gênero se ensinam e se aprendem na rua, na família e na escola, mas nas aulas “[...] é fundamental pensar e abordar as relações de gênero na tentativa de, desde muito cedo, de forjar novas relações, novos comportamentos e atitudes por parte dos alunos” (MARIA L. SODRÉ & SILVANA GOELLNER *apud*: LUZ, 2001, p. 46). Considerando a amplitude do conceito de gênero, o debate acadêmico deve levantar questões para que haja a superação dos preconceitos, e uma superação dos valores patriarcais que conduzem as práticas corporais, ampliando e possibilitando experiências para o gênero humano (homens e mulheres).

3. METODOLOGIA

O objetivo desta pesquisa é fazer uma análise de parte da literatura brasileira que foi produzida na década de 80 sobre gênero e Educação Física e uma análise da fala e da prática educativa dos docentes que atuaram neste período, almejando identificar como se manifestavam as relações de gênero nesta época.

Primeiramente fez-se uma pesquisa bibliográfica que ofereceu meios para definir, resolver, não somente os problemas conhecidos, mas também para o conhecimento e exploração de novas áreas onde os problemas ainda não se solidificaram. A pesquisa bibliográfica foi elaborada por meio de dados retirados de revistas, livros, dissertações, monografias, e contribuiu como um reforço paralelo na investigação.

Num segundo momento utiliza-se da pesquisa de campo que “consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes no registro das variáveis que se presumem relevantes, para analisá-los” (LAKATOS, 1990, p.75). Utilizando a entrevista como instrumento de pesquisa e ancorando-se na perspectiva da história oral pôde-se fazer uma investigação dos dados levantados.

Segundo Ferreira & Amado (2002) podemos ter três posturas a respeito do *status* da história oral. A primeira refere-se à história oral como uma técnica; a segunda, uma disciplina; e a terceira uma metodologia, entendida como metodologia, a história oral remete a uma dimensão técnica e a uma dimensão teórica. Aos defensores da história oral como técnica interessam as experiências com gravações, transcrições e conservação das entrevistas, e ainda aos tipos de aparelhos de som utilizados, as formas das transcrições das fitas, os modelos de organização dos acervos, etc. Nessa perspectiva a história oral não passa de um conjunto de procedimentos técnicos para a utilização do gravador em pesquisa e para a posterior conservação das fitas. (FERREIRA & AMADO, 2002, p. xii)

Dentro da perspectiva de que a história oral seja uma disciplina, entende-se que ela inaugurou técnicas específicas de pesquisa, procedimentos metodológicos singulares e um conjunto próprio de conceitos, o que a caracterizou não só como teórica, e sim constituinte de um corpus teórico distinto, diretamente relacionado às suas práticas, embora se encontre no centro de muitas controvérsias.

Entendendo a história oral como uma metodologia aceita-se a idéia de que é muito mais abrangente e complexa do que uma simples técnica, ela estabelece e ordena procedimentos de trabalho, como diversos tipos de entrevistas e as implicações e as implicações de cada um deles para a pesquisa, suas vantagens e desvantagens, as diferentes formas do pesquisador relacionar-se com seus entrevistados e as influências disso para o trabalho, servindo como ponte entre a teoria e a prática, lembrando que a interdependência entre prática, metodologia e teoria produz o conhecimento histórico, mas é a teoria que oferece os meios para refletir sobre esse conhecimento, embasando e orientando o trabalho do pesquisador.

Para Ferreira & Amado (2002) a história oral pode ser encarada como:

[...]um espaço de contato e influência interdisciplinares; sociais, em escalas e níveis locais e regionais; com ênfase nos fenômenos e eventos que permitam, através da oralidade, oferecer interpretações qualitativas de processos históricos-sociais. Para isso conta com métodos e técnicas precisas, em que a constituição de fontes e arquivos orais desempenha um papel importante. Dessa forma, a história oral, ao se interessar pela oralidade, procura destacar e centrar sua análise na visão e versão que dimanam do interior e do mais profundo da experiência dos atores.

[...]um procedimento destinado à constituição de novas fontes para a pesquisa histórica, com base nos depoimentos orais colhidos sistematicamente em pesquisas específicas, sob métodos, problemas e pressupostos teóricos explícitos. Fazer história oral significa, portanto, produzir conhecimentos históricos, científicos e não simplesmente fazer um relato ordenado da vida e a experiência dos outros.
(p. 16-17)

A história oral pode ser considerada um termo amplo, que recobre tipos variados de relatos obtidos através de fontes orais, a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documentos, de fato cuja documentação se quer completar, ou que se quer abordar por ângulo diverso. A história oral registra a experiência vivida ou o depoimento de um indivíduo ou de vários indivíduos de uma mesma coletividade, neste caso docentes que atuaram nas aulas de Educação Física na década de 80. Neste trabalho a utilização da história oral procura a

possibilidade de uma leitura social, através das múltiplas experiências individuais coletadas através das entrevistas, para a construção da história estrutural e sociológica de um determinado grupo, reconstituindo assim a trajetória de um grupo social.

Segundo Lang *apud* Meihy (1996), temos três tipos de fontes orais: em forma de histórias orais de vida, relatos orais de vida ou depoimentos orais. A história oral de vida é o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, onde são relatados os acontecimentos vivenciados, onde as experiências e os valores são transmitidos, a par dos fatos da vida pessoal.

Já o relato oral de vida, especifica que o narrador aborde de modo mais especial, determinados aspectos de sua vida, embora dando a ele total liberdade na entrevista, mas o relato é direcionado para determinados tópicos, já que o entrevistado sabe o interesse do pesquisador, isso faz com que a narração fique mais restrita e mais direcionada por uma determinada temática.

Os depoimentos orais são utilizados quando se busca obter dados informativos e factuais, no depoimento o pesquisador busca referências mais diretas aos acontecimentos em estudo.

Para Lang(1996) quando trabalhamos com fontes orais temos que levar em consideração a questão que diz respeito a veracidade dos dados obtidos, buscando assim obter informações fidedignas, testando a veracidade dos fatos através do confronto com outras fontes, mas mais importante do que verificar a veracidade dos fatos é a identificação e qualificação das diferentes versões sobre fatos ou processos e a partir disso explorar sua riqueza.

Uma das desvantagens da história oral é o fato de que se trabalha com a memória, e esta pode apresentar falhas. Os esquecimentos e as omissões podem ou não ser intencionais, certamente pode acontecer por parte do entrevistado uma omissão caracterizada pelo desejo de transmitir uma determinada imagem ao pesquisador. Outro fator é a intencionalidade da preparação do documento da história oral, que é criticado pela possibilidade da interferência ideológica do entrevistador, a respeito da condução da entrevista e as respostas do entrevistado, mas há a ressalva de que o pesquisador deve explorar o máximo a lembrança do entrevistado sem tendenciá-lo, para que a confiabilidade das informações seja garantida.

3.1 POPULAÇÃO E AMOSTRA

A pesquisa de campo será realizada no município de Curitiba, com professores de Educação Física da rede estadual e municipal de ensino que atuaram nas aulas de educação física na década de 80.

O objetivo é entrevistar um número de professores que forneçam os dados necessários para o objetivo do trabalho, para um posterior cruzamento entre o discurso presente na época e a prática dos docentes. A princípio serão entrevistados professores que atuaram nas séries iniciais, de 5º a 8º séries e ensino médio.

3.2 INSTRUMENTOS

O instrumento utilizado foi a entrevista que consiste no:

“[...]encontro entre duas pessoas, afim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social”. (LAKATOS & MARCONI, 1990, p.84)

Para a pesquisa fez-se uso da entrevista semi-estruturada, onde o entrevistado tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada, explorando assim de forma mais ampla a questão. O entrevistado tem liberdade para expressar suas opiniões e sentimentos, e o entrevistador tem a função de incentivar, levando o informante a falar sobre determinado assunto sem forçá-lo a responder. (LAKATOS & MARCONI, 1990)

Para alcançar os objetivos da entrevista determinou-se um roteiro de tópicos, relativos a uma questão norteadora que pretendia estabelecer quais representações de gênero que se tinha na prática e na fala dos docentes na década de 80.

Ainda como instrumentos de entrevista foram utilizados um gravador e algumas fitas cassetes.

3.3 PROCEDIMENTOS

Para a coleta dos discursos, seguimos a orientação metodológica de Mary Jane Spink¹, que toma as representações sociais emergidas nos discursos como “formas de conhecimentos práticos, que se inserem mais especificamente entre as correntes que estudam o conhecimento do senso comum”. A proposta foi transpor as fronteiras científicas colocadas, tendo como ponto de partida o conhecimento situado no homem comum, que porta teias de significados capazes de criarem uma realidade social.

Para Spink (1999), as representações sociais são elaboradas na vida prática dos sujeitos com a função de orientar as ações do cotidiano, que se dão nas interfaces dos conteúdos que circulam na sociedade e nas interações sociais, que definem e mantêm as identidades coletivas. Assim, o contexto das representações é essencialmente intertextual, isto é, se dá no “texto sócio-histórico, que remete às construções sociais que alimentam nossa subjetividade” e no “texto-discurso, que é a versão funcional constituinte de nossas relações sociais”².

Os conteúdos que circulam na sociedade podem ter sua origem tanto em produções culturais mais remotas, quanto em produções locais e atuais, logo, as representações são construídas não só pelo espaço, mas também pelo tempo. Mary Jane Spink (1999) classifica este tempo em três dimensões:

- **Tempo curto** da interação que tem por foco a funcionalidade das representações;
- **Tempo vivido** que abarca o processo de socialização — território do *habitus*³ — das disposições adquiridas em função da pertença a determinados grupos sociais;
- **Tempo longo** do domínio das memórias coletivas, nas quais estão depositados os conteúdos culturais cumulativos de nossa sociedade, ou seja, o imaginário social.

¹ Cf. SPINK, Mary Jane. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais. In: GARESCHI, Pedrinho [et al] **Psicologia social: textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 118.

² Cf. *Ibid.* p. 121-122.

³ Quanto ao termo “território do *habitus*”, Spink se apóia no sentido proposto por Pierre Bourdieu (1983).

Assim, com a intenção de ouvir o outro, de fazer emergir seu discurso e construir uma documentação, é que trabalhamos com entrevistas semi-estruturadas individuais, de forma a compreender não só a representação 'individual', mas também a representação coletiva referente às questões de gênero na década de 80 do século passado.

Realizamos entrevistas semi-estruturadas, gravadas em fitas cassete, com uma questão norteadora: Quais representações de gênero que se tinha na fala e na prática dos docentes na década de 80. Esta questão central foi trabalhada de forma aberta, pela qual se tentou partir para um diálogo descontraído, tendo sempre como ponto de partida o cotidiano do ator social relativo às questões de gênero na década de 80. Neste bate-papo, além de se atingir os objetivos, era possível também entender um pouco mais da realidade na qual o objeto de estudo estava 'mergulhado'.

As práticas discursivas podem constituir um caminho privilegiado para entender a produção de sentidos no cotidiano, pois implicam em ações, seleções, escolhas, linguagens, contextos e uma variedade de produções sociais das quais são expressões. (SPINK, 1999)

Partindo da perspectiva pós-estruturalista, defendida por Parker, a análise do discurso possibilita entender como as personalidades, as atitudes e os preconceitos "são construídos no discurso e como são construídos os sujeitos, como nós nos experienciamos quando falamos e quando ouvimos outros falarem sobre nós".(SPINK, 1999, p.38)

A análise do discurso não se resume a uma investigação das superfícies lingüísticas, dos aspectos semânticos dos textos, nem tampouco é um método de interpretação, de atribuição de sentidos, mas sim, compreende um processo de apreciação denominado "condições de produção", para Orlandi (2001) a proposta de análise do discurso se caracteriza por:

[...] problematizar a relação com o texto, procurando apenas explicitar os processos de significação que nele estão configurados, os mecanismos de produção de sentidos que estão funcionando. Compreender na perspectiva discursiva, não é, pois, atribuir um sentido, mas conhecer os mecanismos pelos quais se põe em jogo um determinado processo de significação. (p.117)

Após a coleta dos dados, seguimos os passos indicados por Spink⁴ para a análise dos discursos:

1. Transcrição da entrevista (é importante transcrever a entrevista antes que se faça uma nova entrevista, para não escapar os questionamentos que não foram feitos na entrevista anterior e também para se evitar os erros);
2. Leitura flutuante do material, intercalando a escuta do material gravado com a leitura do material transcrito, de modo a afinar a escuta deixando aflorar os temas, atentando à construção e à retórica, permitindo que os investimentos afetivos venham à tona. (nesta fase é importante atender-se para a leitura/escuta no sentido de observar: variação, detalhes sutis e retórica⁵);
3. Aqui se retomou a reflexão sobre os objetivos da pesquisa;
4. Recorte dos discursos em pequenos parágrafos que continham sentidos explícito e implícito de acordo com a proposta do estudo;

A entrevista considerada como uma prática discursiva promove a produção de sentidos e a construção de versões da realidade, e é na identificação dos sentidos nos recortes e articulações com as fundamentações teóricas que finalizaremos o estudo.

⁴ SPINK, Mary Jane. Desvendando as teorias... 1995, p. 130.

⁵ Para Spink: **variação** se refere às versões contraditórias que emergem no discurso e que são indicadores valiosos sobre a forma como o discurso se orienta para ação; **detalhes sutis** se referem aos silêncios, hesitações, lapsos etc., são pistas importantes quanto ao investimento afetivo presente.

4 RESULTADOS

Para o presente estudo foram entrevistados sete professores de Educação Física, sendo 6 homens e 1 mulher, todos na faixa etária de 40 à 55 anos. Seis dos sete entrevistados ainda ministrando aulas de Educação Física para o ensino médio no CEFET/PR e um deles trabalha no EJA no Colégio Estadual Júlio Mesquita no ensino noturno.

A maioria dos professores formaram-se no final da década de 70. Todos os professores ministraram aulas ainda quando estavam na Universidade, após todos trabalharam em escolas públicas, estaduais e municipais. A princípio a intenção era entrevistar 12 professores, sendo que 4 deles que tivessem experiência com séries iniciais, 4 com 5ª a 8ª e 4 com ensino médio, mas a maioria trabalhou com o ensino fundamental e o ensino médio, o que possibilitou que o número de entrevistados fosse reduzido para 7, em virtude da obtenção dos dados necessários que contemplassem os objetivos da pesquisa.

Os professores entrevistados não explicitaram qual metodologia ou concepção que seguiam, mas através de suas falas pude notar que apenas um não seguia o modelo tecnicista, que era muito presente na Educação Física na década de 80, este trabalhava em função da expressão corporal. Estes que adotaram apenas os esportes como conteúdo, apenas repassaram aos seus alunos as técnicas e regras de cada esporte, e esperavam que das turmas surgissem talentos, sempre os mais habilidosos, para representarem as suas instituições de ensino nas competições, muitas vezes organizadas pela prefeitura e pelo estado.

Quanto ao planejamento de Educação Física pude observar que a maioria dos professores discutia o planejamento junto ao grupo de professores de Educação Física e sua coordenação, alguns dos entrevistados afirmaram que não havia coordenação pedagógica na escola, e na prática a maioria deles tinha uma total liberdade, na escolha dos conteúdos, ou na aplicabilidade dos mesmos, apesar dos currículos estabelecidos pelas secretarias dos estados e dos municípios, alguns professores modificaram seus planejamentos em função da realidade da escola, da comunidade e das necessidades e interesses da sociedade da época.

Quanto a percepção dos professores em relação a divisão dos papéis sociais estipulados ao homem e a mulher, pode-se notar que alguns professores referem-se

apenas ao âmbito esportivo deixando de lado as referências de família, trabalho e etc... Eu não consegui fazer um apanhado geral em apenas uma pergunta, precisei ir resgatando aos poucos as questões sobre a família, trabalho e etc..., mesmo assim a maioria dos professores que expôs a situação, explicitou de forma superficial, salientando apenas o esporte e a Educação Física, dois professores tinham dificuldades em responder esta pergunta pelo fato de ser muito ampla.

Quando falava-se em esportes os professores falavam que a mulher estava começando a participar de alguns esportes que antes eram praticados por homens, onde como o Futsal e o Futebol eram um campo desconhecido pela maioria das mulheres, segundo apenas um dos entrevistados, o futebol feminino começou a ser difundido na década de 80, mas não nas aulas de Educação Física, e sim como atividades extraclasse ou em clubes e praças.

Ainda falando de Educação Física, mas já entrando no âmbito do trabalho, pude notar que as aulas de Educação Física não eram mistas, o que acontecia então era que a mulher era designada a dar aulas somente para meninas e os homens davam aulas para os meninos. Os relatos mostram com clareza uma divisão estipulada para que as meninas e os meninos não permanecessem juntos nas práticas de corporais, o que acontecia na escola e acabava de refletindo-se também na vida social das crianças.

Segundo alguns relatos pude observar que os professores tinham o conhecimento das frentes feministas e da luta desta por uma sociedade igualitária, e reconhecem que a década de 80 ainda era marcada por vestígios da ditadura militar e que apesar da sociedade ainda em uma época de repressão a mulher ainda era mais fraca e conseqüentemente submissa ao homem, um dos professores ressaltou que nesta época os tabus e os paradigmas envolviam a mulher, o seu corpo e suas práticas, e que isso era o retrato do tratamento dado a elas no regime militar e afirmado pela sociedade patriarcal.

Um dos entrevistados relatou que a mulher começou a ganhar espaço no mundo do trabalho efetuando tarefas feitas apenas por homens, o que marcou a saída da mulher para fora do ambiente familiar, mas o que acabou acontecendo é que ela aumentou a sua jornada de trabalho, pois além de sair durante o dia para trabalhar, a noite chegando em casa ela cuidava dos filhos e dos afazeres

domésticos, pois os homens não participavam da divisão das tarefas domésticas, o que resultava em desgaste e estresse para estas mães.

Outro ponto interessante encontrado em um dos relatos é o fato de que a mulher encontrava censura e quando se referia ao corpo, pois não tinha a liberdade que hoje tem para exibilo. Segundo o entrevistado essa liberdade colaborou, a partir dos anos 90 para crescimento da indústria cultural do corpo, da beleza e do sexo, o que pode diferenciar-se da exaltação do corpo que se tinha na década de 80, uma exaltação do corpo atlético, forte, que fosse capaz de alcançar a melhor performance dentro dos esportes.

Com relação a importância da Educação Física, para a formação do ser humano, a resposta foi unânime entre os entrevistados, apesar de um dos entrevistados ressaltar que começaram a surgir novas metodologias e concepções que procuraram a integrar o ser humano na sociedade estabelecendo novas relações, o que predominava era o adestramento do corpo que buscava na quantidade de alunos, apenas alguns com qualidade.

Os professores em suas aulas trabalharam com esportes mais conhecidos e através do ensinamento das técnicas e das regras, buscaram formar atletas através do desenvolvimento das habilidades e das competências exigidas por cada esporte, e segundo um dos entrevistados, assim era possível, através do modelo tecnicista de aprendizagem, que era seqüenciado e das regras, possibilitar que o aluno se adequasse as regras impostas pela sociedade.

O esporte era marcado pela competição assim como nos dias de hoje, isso procurava o desenvolvimento da performance já na escola, muitas vezes no espaço da Educação Física que era utilizado como período de treinamento para as equipes que disputavam campeonatos representando a escola, a competição era algo muito presente desde a 5ª série para a maioria das crianças, e acreditava-se que através do esporte a criança poderia desenvolver as habilidades para viver em uma sociedade também, já que vivemos em uma sociedade capitalista que prega a competição.

Pude então concluir que a Educação Física naquela época era um espaço de descoberta de talentos, de reforço e aumento das habilidades e capacidades para a formação de atletas posteriormente integrassem as equipes esportivas

representantes da escola e que quase nada além disso pudesse constituir os conteúdos de todo o ensino.

No que se refere a participação das meninas nas aulas e ao relacionamento que ela tinha com os meninos pude observar através dos relatos, que praticamente em todos os níveis de ensino a participação das meninas era mesma e era grande, o que diferenciava era como elas participavam das aulas, quais atividades ou esportes praticavam e com qual interesse.

Geralmente em atividades de expressão corporal ou dança as meninas se sobressaíam, apesar de poucos professores utilizarem esses conteúdos na década de 80. Um dos entrevistados relatou que a mulher tem mais facilidade em expor em seus sentimentos e a trabalhar com o corpo quando se aplicava os dois conteúdos acima citados, por isso a participação na aula era grande e proveitosa. Já quando se falava em esportes o fato é que as meninas, por razões biológicas citadas por alguns dos entrevistados ficava em desvantagem em relação aos meninos, por isso podia se ter naquela época muitas escolas que adotavam a Educação Física separada por sexo. A mulher então era privada de alguns conteúdos como o futebol e o futsal, e aos meninos não se tinha prática da aplicabilidade da dança e da expressão corporal.

A menina por ser mais fraca, demorava mais para aprender certas coisas que exigiam força, flexibilidade, rapidez, isso fazia com que as meninas não se misturassem com os meninos, mesmo porque seu corpo, já que mais fraco, fosse preservado de lesões ou torções que pudessem ser propiciados pelas práticas mistas. O segundo argumento é que as meninas tiravam o dinamismo dos esportes, pois os meninos tinham que se preocupar em não machucar as meninas, assim o jogo como disse um dos entrevistados “ficava mais morno”.

Pude observar nos relatos que as relações preconceituosas que permeavam as aulas de Educação Física eram presentes mais fortemente nos meninos e nos professores, não que estes causassem propositadamente tais situações, tudo isso era gerado pela sociedade da época e era reforçado na formação dos mesmos. Assim o preconceito por parte das meninas também determinava as relações dentro das aulas, as meninas também tinham suas brincadeiras específicas e seus esportes favoritos, não faziam questão de se misturar aos meninos e muitas vezes não toleravam a participação dos mesmos em suas práticas, reforçando o aumento dos

conflitos de gênero existentes naquela época nas aulas de Educação Física e ampliando os mesmos para fora do contexto escolar.

5 DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar a análise das entrevistas encontramos diversas situações condizentes com a literatura estudada, os discursos dos entrevistados sobre a situação da mulher na sociedade e o papel que ela ocupava na mesma vem de encontro com as idéias expostas pelos autores abordados no trabalho.

Como a década de 80 foi marcada por diversas mudanças causadas pelo processo de redemocratização pode-se notar que as mulheres, impulsionadas por esse movimento e pelos movimentos feministas que se faziam muito presentes no período, começaram a lutar por seus direitos e pelas condições de igualdade , pois na época as relações sociais eram determinadas pela presente influência do regime militar que sufocava ainda a grande massa oprimida, assim podemos comprovar através das falas dos professores (Ivete, Molleta, Fatiman, Schneider e Nelson) essa situação que condicionava as atitudes, as relações e o corpo da mulher e que determinava seu papel na sociedade em todos os segmentos.

I 14 - A mulher era muito submissa na época , era o homem que mandava, ele comandava a família, mandava na estrutura na família...

M 14 - ... fora do âmbito da escola eu posso lhe dizer que a mulher já vinha ganhando seu espaço, já vinha dividindo trabalhos que antes eram só masculinos, já havia um movimento feminista muito forte...

F 14 - ... nós estávamos saindo de uma época de repressão, e conseqüentemente as mulheres por serem mais fracas perante o regime militar eram as mais submissas, sem contar que era uma época cercada de tabus e paradigmas envolvendo as mulheres, a respeito do corpo das roupas a até mesmo das práticas esportivas.

S 14 - Eu vou me prender a situação da mulher , pois foi ai que observei uma maior transformação, a mulher na época começa a dar seu grito de independência, pois as frentes feministas já se faziam presentes e cresciam a cada dia, mas as relações ainda eram marcadas pela opressão que vinha da década passada da ditadura militar.

S14 - ... na família pelo o que pude notar ela acumulou mais tarefas, pois além de cuidar da casa e dos filhos, ela também foi ao trabalho o que como acontece hoje serviu apenas para aumentar o estresse dentro da família, pois não se vê quase homens fazendo o serviço doméstico, isso concerteza sobrecarregou as mulheres.

N 16 - ... hoje em dia a mulher exhibe muito mais o seu corpo, o que naquela época era freiado pela censura da sociedade, hoje há uma maior liberdade e desinibição das mulheres quando se fala em corpo, o que colaborou muito para que este corpo feminino tornasse-se um objeto da industria cultural, na década de 80 a exaltação do corpo existia, mas dos corpos masculinos e femininos, sob outro olhar, o do corpo perfeito e sadio para a prática esportiva.

As transformações ocorridas na década de 80 alcançaram também o campo da educação e conseqüentemente o da Educação Física , com o fim da censura a produção literária da época tornou-se mais crítica, e novas concepções e metodologias surgiram para romper com o discurso da educação física da época que apoiava-se na aptidão física e na esportivização como forma de manipulação das massas.

Essas novas concepções procuravam desconstruir conceitos e as relações de poder que desfavoreciam os oprimidos, através da formação de sujeitos críticos que pudessem repensar a sociedade. Foi ai que a mulher ganhou seu espaço, pois a tendência tecnicista que favorecia o corpo biologicamente mais forte passou a ser criticada e questionada, foi através de um processo longo e permanente que as mulheres aos poucos integravam-se as práticas esportivas, mas as práticas corporais não acompanharam as novas frentes pedagógicas e essa transformação tende a perdurar por muitos e muitos anos.

Nas falas dos professores Enori, Ivete, Molleta, Fatiman, Schneider e Nelson respectivamente podemos identificar a ginástica militarista ainda como um componente norteador para as práticas corporais e para a Educação Física, podemos identificar também a forte presença do esporte na escola e através da linha tecnicista que favorecia os melhores e os mais aptos a competição, era possível identificar futuros atletas dentro do ambiente escolar. No trechos abaixo podemos identificar qual era a importância da educação física para a formação humana na década de 80.

E 17 - ... na concepção do passado...que até a década de 70 via a educação física como um adestramento militar né, seria mais uma ginástica,...mais militarista assim... aquela coisa de ordem unida firme, para que ele tivesse vigor físico...para desenvolver as competições, então ele teria que ter esse vigor físico, e no final da década de 80 isso foi diminuindo.

I 12 - Ela era mais voltada para o esporte, não é como agora que visa uma formação global do ser humano, na época nós dávamos uma educação física que visava o esporte.

M 12 - Ainda era na linha tecnicista, com desenvolvimento de habilidades, mas também com enfoque para a participação de equipes, grupos, através das regras do esporte poder se adaptar as regras da sociedade.

F 12 - ... a educação física ainda era muito influenciada pela política, nós estávamos em um período pós ditadura mas os traços do período ainda estavam presentes em nossas práticas, a Educação Física era militarista e tinha o dever de selecionar aqueles que tinham as habilidades para uma posterior ascensão nos esportes, seguia na verdade o modelo cubano, de quantidade de pessoas queria-se a qualidade, nem que fosse apenas um ou dois alunos de uma turma.

S 12 - Concerteza era para a promoção de talentos e desenvolvimentos de habilidades para o esporte, eu posso dizer que quase toda a década de 80 foi

marcada pelos pilares da educação física militarista, que queria o adestramento do corpo e a melhor performance do indivíduo.

N 12 - Naquela época o que era proposto pelo governo era a esportivização, através de incentivos ao esporte escolar e pelo programa do governo de Esporte para Todos. Nós buscávamos em nossas aulas selecionar os melhores atletas para integrar as equipes representantes das escolas, então nós trabalhávamos nas aulas o desenvolvimento das técnicas e das habilidades necessárias para a competição...

Como a mudança da sociedade em geral proporcionava uma certa liberdade de escolha, as mulheres resolveram arriscar-se em um mundo esportivo antes dominado apenas pelos homens, começaram a praticar timidamente os esportes antes ditos masculinos. Ela queria deixar de ser a coadjuvante nas práticas esportivas e passou a jogar futebol, a lutar boxe, mas sempre com uma certa desaprovação da frentes mais conservadoras da sociedade, essa desaprovação reforça-se nas falas dos docentes Enori e Ivete e condicionava as práticas esportivas da época.

E 19 ... a mulher na década de 80, ela surgiu... ela apenas era uma.... coadjuvante na pratica esportiva...

I 14 - ... dentro do esporte a mulher ainda não praticava muitos esportes que hoje ela pratica, salto com vara era masculino, e agora é mais aberto, tudo que era masculino como o futebol e futsal por exemplo as mulheres não praticavam.

Na escola não era diferente, o primeiro ponto interessante que pude identificar nos relatos dos docentes foi o fato de que as aulas em muitas escolas ainda não eram mistas, então uma professora era encarregada de ministrar aulas para as meninas e um professor para os meninos, essa situação explicada também por uma autora abordada no trabalho traduzia a função da Educação Física de apenas continuar conduzindo as meninas e os meninos para os papéis que a sociedade lhes reservava, através da distinção dos conteúdos trabalhados nas turmas, geralmente deixava-se de se aplicar algum conteúdo específico para ambos os sexos, como é o

caso do futebol e da dança. nos relatos dos docentes Molleta, Nelson, Gumercindo e Schneider é possível identificar qual conteúdo era trabalhado com as meninas e com os meninos e o porquê desta distinção.

M 14 - ... na escola nós vivíamos em mundo de igualdade, mas em algumas exceções, trabalhava-se com turmas separadas, onde uma professora dava aulas para as meninas, e um professor dava aula para os meninos...

N18 - ... o que diferenciava era como participavam, as meninas não tinham o rendimento e demoravam mais tempo para desenvolver as habilidades esportivas, tudo relaciona-se é claro com o fator de constituição biológica do corpo, os meninos tem uma certa vantagem quando se fala em força ou rapidez.

M 16 - ...as mulheres já começavam a se sobressair e a buscar espaço nos esportes masculinos, como o futebol, mas como conteúdo nós não chegamos a trabalhar com as meninas.

G 18 - Na época de 80 por exemplo não se falava em futebol de salão para as meninas, deus me perdoe, era vôlei, basquete, dança e fim de papo, e os meninos faziam tudo menos dança, porque eles achavam que a dança era só para a mulher, inclusive nós tínhamos a professora Jacira, que dava ginástica e dança, e que ministrava uma área chamada de consciência corporal na qual os meninos não participavam...

S 16 - ... a participação das meninas era muito proveitosa pois eu trabalhava com expressão corporal, então a mulher é muito mais expressiva, ela conseguia trabalhar melhor com seu corpo do que os meninos, pois a facilidade de expressar sentimentos e trabalhar em grupo era grande.

N 10 - A dança não, a dança era um conteúdo difícil de se aplicar na escola, não se tinha a cultura nem por parte dos professores de ensinar, nem por parte dos alunos em aceitar a dança.

M 16 - ... as mulheres já começavam a se sobressair e a buscar espaço nos esportes masculinos, como o futebol, mas como conteúdo nós não chegamos a trabalhar com as meninas. E com os meninos o problema era com a dança, eles não dançavam por nada, e também nós professores não tínhamos o hábito de trabalhar a dança com os meninos, era mais complicado, quando se falava em dança, quem tinha o hábito de participar das aulas, até mesmo de expressão corporal eram as meninas, e os meninos quando participavam era com uma certa irregularidade, havia uma questão preconceitual principalmente se fala-se em danças históricas, danças mais modernas os meninos até participavam, pela vivência que eles traziam de fora da escola, mas se fosse uma dança folclórica eles não participavam.

Quando perguntei aos docentes de forma direta se havia algum tipo de preconceito presente nas relações entre meninos e meninas nas aulas de Educação Física, achei que algumas questões fossem ocultadas, certamente alguns professores camuflariam as respostas em virtude da preservação de uma conduta politicamente correta que não permitisse esse tipo de comportamento em suas aulas, mas surpreendentemente as respostas me pareceram as mais fiéis possíveis, pois até hoje podemos encontrar o preconceito embutido nas práticas de Educação Física. As relações presentes nas aulas eram resultantes de toda uma história de conflitos existentes entre o mundo da mulher e do homem que se afirmava logo nos primeiros anos de vida, e essas relações acompanham as crianças em todo o seu processo de escolarização.

G 20 - Tinha preconceito, os grupos eram separados, eu me lembro perfeitamente, que eu até brincava... eu acrescentei nas nossas práticas internas, jogos de peteca, queimada, para tentar agrupar meninos e meninas, eu consegui, mas não foi no primeiro ano nem no segundo e os próprios pais não aceitavam, isso aí eu acredito, eu acredito não, eu tenho certeza que era um fator desencadeado pela cultura.

E 23 - existia uma certa... uma pequena discriminação com relação a força da criança né, então a diferença da menina é a diferença da força muscular do menino, a agilidade da menina... certas meninas não tinham agilidade que nem o meninos

tem, a coordenação.... os meninos como eles eram mais saltadores pulavam e... e jogavam mais, eles tinham... talvez um pouco mais de coordenação motora , então as meninas eram um pouco mais tímidas elas não se jogavam muito assim....

E25 - O preconceito existia esse preconceito quase que natural, principalmente na hora de competição, um preconceito que era relacionada a técnica e a força...mas esse preconceito era recíproco, por parte das meninas também que não deixavam seus colegas pular corda junto por exemplo.

M 18 - ... e estes as vezes dependendo da idade, não deixavam as meninas participarem de certas brincadeiras, assim como dificilmente se via um menino pulando cordas com as meninas, aquele famoso futebol do recreio era um espaço somente masculino, e as meninas ficavam do lado jogando vôlei, ou até mesmo fazendo torcida para os meninos.

Através de uma análise de parte da literatura que foi produzida a partir da década de 80 sobre gênero e Educação Física e da análise da prática educativa dos docentes nas aulas nesse período, feitas através das entrevistas, levantei dados e preocupações a respeito das relações de gênero e dos discursos que se formam em torno desta problemática pertencente a Educação Física Escolar.

Apesar de todo um movimento de transformação que acompanhou esta década, não foi possível desfazer certos conceitos e hábitos que envolvem o ser humano e suas relações, as mudanças são lentas e pequenas, são bem mais complicadas do que parecem. As desigualdades, o poder e o estabelecimento de padrões e normas estão bem mais a frente do que qualquer desejo de mudança, a sociedade é complexa, e para modificar sua estrutura é necessário anos e anos de estudo e trabalho, mas isto torna-se pequeno diante das ambições do ser humano que deseja sempre mais do que lhe é de direito, por isso ele acaba passando por cima da liberdade do próximo e geralmente o próximo mais fraco.

Os fatores históricos, culturais, econômicos e comerciais ditam os comportamentos a serem seguidos por todos nós, a mulher tem seu papel na sociedade, o homem também, e a disputa pelo poder cria uma tensão eterna entre

todos nós e nossas relações. Talvez por isso as relações de gênero tornam-se tão complexas e praticamente impossíveis de serem modificadas.

Na década de 80 a prática docente não se modificou, não acompanhou todo aquele discurso teórico das novas metodologias e concepções que procuravam formar cidadãos críticos que fossem capazes de entender a sociedade e transformá-la, o que aconteceu foi a diminuição das diferenças impulsionada pelas frentes feministas e pelo processo de redemocratização, mas o campo da educação deixou a desejar e continuo contribuindo para as desigualdades existentes nas relações de gênero. A Educação Física sendo uma disciplina que trabalha com o corpo e mente continuou reproduzindo determinados padrões de comportamento estabelecidos pela sociedade, padrões específicos para o sexo masculino e feminino.

Para entendermos estas relações complexas estabelecidas entre os homens e as mulheres precisamos compreender antes de tudo qual é o significado real da palavra gênero, certamente então poderemos repensar nossas práticas de modo que não se favoreça somente um dos sexos.

REFERÊNCIAS

FERREIRA, Marieta de M ; AMADO, Janaína. **Usos & Abusos da História Oral**. 5º ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

DIEZ, Carmen L. F.; HORN, Geraldo B. **A Construção do texto Acadêmico: manual para elaboração de projetos e monografias**. Curitiba/PR: Gráfica Popular, 2002.

GIRARDI, Vânia L. **Gênero Relacionado à Sexualidade nas Aulas de Educação Física**. Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação Física. UFPR. Curitiba, 1996.

LOURO, Guacira L. **Gênero, Sexualidade e Educação**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1997.

LUZ, Agripino A. **Gênero e Educação Física: O que diz a produção teórica Brasileira dos anos 80 e 90?** Dissertação apresentada ao Curso de Pós Graduação em Educação Física. UFSC. Florianópolis, 2001.

MACEDO, Hércia. **O Contexto Mais Amplo e a Educação nos Anos 80**. <http://66.94.231.168/search/cache?p=EDUCA>. Download realizado em 2005.

MARCONI, Marina de A ; LAKATOS, Eva M. **Técnicas de Pesquisa**. 2º ed. São Paulo: Atlas, 1990.

MEIHY, José C. S. B. **(Re) Introduzindo a História Oral no Brasil**. Encontro Regional de História Oral Sudeste – 1995. São Paulo: Xamã, 1996.

ROMERO, Elaine. **A Educação Física A Serviço da Ideologia Sexista**. R.B.C.E. 15(3). Janeiro, 1994.

SARAIVA, M. do C ; KUNZ, Elenor. **O Gênero: Confronto de culturas em aulas de Educação Física**. R.B.C.E. 15(3). Janeiro, 1994.

SCOTT, Joan. **Gênero: Uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade. 16(2). 1990.

WHITAKER, Dulce. **Mulher & Homem: mito da desigualdade**. 7º ed. São Paulo: Moderna, 1988.

ANEXOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
DISCIPLINA DE SEMINÁRIO DE MONOGRAFIA B


TERMO DE AUTORIZAÇÃO

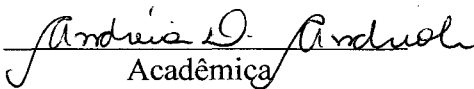
Eu, ÊNORY FURLIN COFFERI

professor de Educação Física, autorizo a acadêmica ANDRÉIA DANIELLE ANDRIOLI, estudante da Universidade Federal do Paraná, regularmente matriculada sob o número GRR20020334 no curso de Licenciatura em Educação Física, a publicar a transcrição da entrevista realizada, que tem como objetivo cumprir uma das etapas da pesquisa de campo, da monografia apresentada pela acadêmica para a conclusão do curso.

Por ser expressão da verdade, firmo a presente em duas vias de igual teor e forma.

Curitiba, 27 de outubro de 2005.


Entrevistado


Acadêmica

ENTREVISTA 1 PROFESSOR ENORY

A1: Eu gostaria de saber o ano e o estabelecimento de sua formação?

E2: formação , eu me formei em 1996 pela universidade Católica do Paraná, fazem quase vinte anos que eu estou atuando na área de Educação Física.

A3: onde você dava aula, aqui no município de Curitiba mesmo?

E4: no município Curitiba pela rede publica estadual no ano de 87.

A5: você dava aula para que nível de ensino?

E6: isto eu peguei 1º a 4 no estágio que eu fiz e depois como efetivo eu peguei de 5ª a 8 depois eu trabalhei.... eu voltei a trabalhar com 1ª a 4ª e com o pré.

A7: naquela época quais eram as práticas corporais que você utilizava em suas aulas?

E8: o pré e a 1ª a 4ª...é se trabalha a parte mais de desenvolvimento...., desenvolvimento motor, força natural, exercícios naturais.

A9: o que eram esses exercícios naturais?

E10: bem a proposta era o desenvolvimento motor, seria ginástica jogos e dança, na ginástica seria a movimentação e percepção do corpo, movimento e locomoções, equilíbrio, movimento. Daí ... jogos seria organizações simples, jogos infantis populares tradicionais que envolve uma área maior... que envolve o movimento de locomoção, equilíbrio, manipulação de objeto.... jogos de organização simples que envolveria... envolveria o material meio naturalmente do ambiente né diversificado.... na dança seria o movimento ritimico expressivos, rodas, brinquedos cantados populares tradicionais envolvendo ritmos e gestos mímicos, cantigas infantis educa... é.... e danças populares que envolvem a representação de sistemas, fatos e situações. Na verdade naquela época nós tínhamos uma literatura que disponibilizava mais conhecimento a cerca da motricidade, é por exemplo... jogos intelequitivos, seriam jogos que trabalhavam a

tensão a concentração e o desenvolvimento do raciocínio. É... esportes, não se trabalhava a técnica nessa fase única coisa que você trabalha são jogos que... eles adquiriram... a iniciação esportiva.., com regras gerais mais sem visar a competição. no caso podemos modificar as regras...Adaptar a idade das crianças, também se trabalhava uma parte socializadora.

A11: e quanto aos esportes, como era?

E12: isso que eu vou chegar, não era muito forte, a socialização ela era mais assim... é... que... a pessoa tinha que aprender meio a força e... então ele tinha que aprender! Então a hora que ele aprendia ele era destacado! Opa! Ele... esse aqui sabe jogar tal.... né.... futebol, vôlei, basquete ou ... um atletismo é um pouco melhor do que os outros eu vou.... eu vou classificar ele na época era mais ou menos assim ! era uma classificação e essa classificação eram formado equipes como hoje é formado, só que hoje tem uma outra concepção , uma outra consciência né.... a gente já vai trabalhando.... hoje a gente trabalha a criança é... é... não dizendo que ele vai ser um atleta , ou que ele vai ser... já vai formar equipe do colégio, ou do clube ou... de um estabelecimento.... não trabalhava isso, eu não trabalhava assim eu deixava ele normalmente desenvolver , dava apoio, e se algum se destaca-se mandava para a equipe do colégio mais de competição .

E13: mais isso seria mais para as 5ª e 6ª series, não seria de 1ª a 4ª serie né...é de 5ª a 8ª.... os meninos nessa idade de 5ª serie eles já... queriam mais mostrar que eles sabiam fazer... sabiam jogar que eles já estavam mais a nível de competição né! eles já... por si só... pela natureza do desenvolvimento deles, eles já sentiam que eles podiam fazer isso, então... ainda não vem um trabalho mais intenso na 5ª, digamos... é intensifica treinamento essas coisas.

A14: na década de 80 qual era a importância da Educação Física para a formação do indivíduo?

E15: um adestramento!

A16: do corpo?

E17: é... nessa época eu não peguei muito ainda mas eu posso... dar uma exclamação mais ou menos, pelo que a gente já via né ... na concepção do passado que até a década de 70 veio a Educação Física como um adestramento militar né, seria mais uma ginástica,...mais militarista assim... aquela coisa de ordem unida, para que ele tivesse vigor físico...para desenvolver as competições, então ele teria que ter esse vigor físico tá, e no final da década de 80 já foi abrandando isso, foi diminuindo essa concepção. Então entrou mais a Educação Física pedagógica, que seria uma Educação Física mais trabalhando mais assim para o lado de ... é...de formação do corpo...socialização, formação e mais um trabalho de motricidade que entraria nessa época tá!

A18 – nessa época como se dava a divisão dos papéis para as mulheres e para os homens? Tanto no âmbito familiar, quanto na escola, no trabalho ou nos esportes.

E19: na sociedade em geral!!! bom... isso aí. é meio complicado mais eu acho que da para gente resolver falar assim... é por exemplo a mulher... a mulher na década de 80 ela surgiu... ela apenas era uma.... coadjuvante na pratica esportiva né, não se tinha uma atenção especifica.... hoje por exemplo a mulher no esporte ela... como é que... ela compete até em termos de alterofilismo, no Brasil naquela época era muito...., muito... raramente se via uma mulher que participava nesse tipo social, e o homem mais para ser técnico a mulher não era muito vista muito bem como técnica ou como orientadora nessa parte esportiva... então isso pertencia mais ao homem mais eu creio que a mulher nessa parte de 80 de...no final da década de 80 inicio da década de 90 abriu um grande...um grande caminho é... para as mulheres é... treinadoras né...técnicas. Na parte.. pedagógica também, personal! Personal training.

A20: e dentro da família, qual que era a distinção entre os papeis?

E21: papeis!!!! olhe... nem sei como te dizer como... ela não tinha chance de participar... e por exemplo nas...olimpíadas....era muito difícil... não existia polo aquático,... na

época ela não podia participar né! Hoje tem né! mais...futebol também não tinha... era um conceito que ela não podia... podia desenvolver essa parte.

A22 – nessa época como era o comportamento das meninas e dos meninos nas aulas de Educação Física?

E23: eu... eu peguei essa época já meio é... digamos assim mesclando né... as meninas já podendo trabalhar o mesmo exercício que os meninos, porque já... um pouco... um pouco antes da década 80 na década de 70 era o profissional de educação física.... ele tinha que... da aula para os meninos e as meninas eram uma mulher, as aulas então eram separadas. mas... então eu peguei essa época já... os meninos trabalhando com as meninas, mas em relação ao comportamento é... existia uma certa... uma pequena discriminação com relação a força da criança né, então a diferença da menina é diferença da força muscular do menino, a agilidade da menina... certas meninas não tinham agilidade que nem o meninos tem né, a coordenação.... os meninos como eles eram mais saltadores pulavam e... e jogavam mais, eles tinham... talvez um pouco mais de coordenação motora, então as meninas eram um pouco mais tímidas elas não se jogavam muito assim....

A24: mas nas práticas podia-se notar o preconceito da menina ou do menino, relacionado a certos jogos ou brincadeiras?

E25: a preconceito existia esse preconceito quase que natural, principalmente na hora de competição, um preconceito que era relacionada a técnica e a força...mas esse preconceito era recíproco, por parte das meninas também que não deixavam seus colegas pular corda junto por exemplo.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
DISCIPLINA DE SEMINÁRIO DE MONOGRAFIA B

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Luete Balen

professor de Educação Física, autorizo a acadêmica ANDRÉIA DANIELLE ANDRIOLI, estudante da Universidade Federal do Paraná, regularmente matriculada sob o número GRR20020334 no curso de Licenciatura em Educação Física, a publicar a transcrição da entrevista realizada, que tem como objetivo cumprir uma das etapas da pesquisa de campo, da monografia apresentada pela acadêmica para a conclusão do curso.

Por ser expressão da verdade, firmo a presente em duas vias de igual teor e forma.

Curitiba, 26 de outubro de 2005.

Luete Balen
Entrevistado

Andréia D. Andrioli
Acadêmica

ENTREVISTA 2 PROFESSORA IVETE

A1: gostaria de saber o ano, e o estabelecimento e o curso de formação?

I2: eu me formei em 1983, na Universidade Federal de Santa Maria, em Licenciatura plena em Educação Física.

A3: você deu aula nessa década?

I4: eu comecei o estágio no mesmo ano, em julho de 83, comecei a dar aulas como professora formada, não dava aula somente de educação física, como morava no interior eu dava aula de português, de religião, um monte de coisa, eu comecei a dar só educação física em 84 quando eu fui morar em uma cidade maior, em PLANALTO, em uma escola estadual, eu era contratada, concurso feito pelo estado.

A5: você dava aula para qual nível de ensino?

I6: comecei dando aula de 1^a a 4^a, mas depois só trabalhei com 5^a a 8^a e ensino médio.

A7: quais eram as práticas corporais que você utilizava em suas aulas?

I8: atletismo, handebol, basquete, futsal, todas os esportes coletivos e recreação, mas principalmente o atletismo, porque era a modalidade predominante para as competições, quase todos praticavam.

A9: quanto a coordenação pedagógica e ao planejamento, você mesma elaborava seu plano de ensino ou somente aplicava o que era proposto pela escola?

I10: o grupo de professores da educação física que elaborava o planejamento.

A11: na década de 80, qual era a importância da educação física para a formação humana?

I12: ela era mais voltada para o esporte, não é como agora que visa uma formação global do ser humano, na época nós dávamos uma educação física que visava o esporte.

A13: nessa época quais eram os papéis atribuídos ao homem e a mulher, tanto na família, quanto no trabalho e nos esportes?

I14 – a mulher era muito submissa na época , era o homem que mandava, ele comandava a família, mandava na estrutura na família, e dentro do esporte a mulher ainda não praticava muitos esportes que hoje ela pratica, salto com vara era masculino, e agora é mais aberto, tudo que era masculino como o futebol e futsal por exemplo as mulheres não praticavam.

A15 – e como era a participação das meninas nas aulas?

I16: naquela época era mil vezes mais participativa do que agora, o adolescente de hoje é muito diferente, é outra cabeça, mais festa, mais fumo, mais bebida e naquela época não, o pessoal em geral participava mesmo.

A17: e você percebia um preconceito na realização das práticas por parte dos meninos em relação as meninas ou vice versa?

E18: o que na verdade acontecia é que tinha uma separação nas aulas , nós trabalhávamos sempre em dois professores, as professoras davam aulas para as meninas e os professores davam aula para os meninos, por exemplo; nós não dávamos futsal ou futebol para as meninas somente para os meninos, na outra escola onde eu dei aula, algumas turmas eram mistas, o 3ª ano do médio por exemplo, na verdade dependia mais da série, 1ª a 4ª era junto, 5ª a 8ª era separado e segundo grau era junto.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
DISCIPLINA DE SEMINÁRIO DE MONOGRAFIA B

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Guimercindo Vieira dos Santos
professor de Educação Física, autorizo a acadêmica ANDRÉIA DANIELLE ANDRIOLI,
estudante da Universidade Federal do Paraná, regularmente matriculada sob o número
GRR20020334 no curso de Licenciatura em Educação Física, a publicar a transcrição da
entrevista realizada, que tem como objetivo cumprir uma das etapas da pesquisa de campo,
da monografia apresentada pela acadêmica para a conclusão do curso.

Por ser expressão da verdade, firmo a presente em duas vias de igual teor e forma.

Curitiba, 28 de outubro de 2005.


Entrevistado

Acadêmica

ENTREVISTA 3 PROFESSOR GUMERCINDO

A1: Gostaria de saber o ano, o estabelecimento e o curso de sua formação?

G2: a antiga FEFE hoje a Unopar, Universidade do Norte do Paraná, em Londrina, em 1877.

A2: na década de 80 em que escola você deu aula?

G4: eu dei aula na escola de primeiro e segundo grau em Porto Velho, Rondônia na qual eu também fui vice diretor e na escola Governador Araújo Lima também na mesma cidade .

A5: você atuava em qual grau de escolarização?

G6: sempre de 5ª a 8ª e segundo grau.

A7 – nessa época quais eram as práticas corporais que se tinha em uma aula de educação física?

G8: o currículo era diversificado, nós mudávamos de acordo com o período, quer dizer de acordo com o ano, de 5ª a 8ª série tinha bastante recreação, mas com mais ênfase de 5ª e 6ª série, e 7ª e 8ª a gente fazia bastante prática esportiva, mas não era para cobrar, era mais para participar, e nos anos seguintes nessa escola, no segundo grau que era técnico em contabilidade era voltado mais para a competição e para o treinamento de algumas modalidades, na qual inclusive eu fui penta-campeão de handebol feminino do estado, com os mesmos alunos que vinham de 5ª a 8ª da mesma escola, então o que nós fazíamos era preparar esses alunos de 5ª a 8ª para que eles pudessem iniciar nas competições no 2 grau.

A9: quanto a equipe pedagógica, ela estabelecia o plano de ensino e os conteúdos, ou ela dava uma liberdade a vocês professores para a construção do mesmo?

G10: não, em Porto Velho em 1979, foi montado a associação dos professores de educação física, os quais discutiam junto a secretaria de cultura, que lá se chama SEC,

o currículo, inclusive uma coisa importante que tinha lá eu acredito que ainda tenha, é que todas as orientadoras pedagógicas participavam das orientações e da montagem do currículo juntamente com os professores de educação física, a gente discutia com eles coisa que aqui não, aqui em Curitiba, no Paraná quase em geral não tem isso, o coordenador da associação falava que o linguajar de 5ª a 8ª tem que ser igual em todas as escolas da região, a grade curricular de todas as escolas era a mesma, tinha que ser idêntica, não podia mudar.

A11: naquela época qual era a importância da educação física para a formação humana?

G12: olha ela tinha mais o conceito de desenvolver corpo e mente, no meu conceito hoje a educação física está abandonada, está com um discurso de qualidade de vida, mais na verdade está abandonada, eu não sei dizer se é por causa da Internet ou dos próprios professores, naquela época nós éramos em 16 professores e apenas eu era formado com licenciatura plena o restante era formado com licenciatura curta, hoje eu vejo a educação física na escola largada, pelo governo do estado do Paraná e pelo município de Curitiba, to falando como pai e não como professor, você vê algumas escolas municipais que participam dos jogos e não tem recursos materiais para isso, não tem nem bolas, que no nosso caso eu como professor do cefet e privilegiado pela questão de materiais acabo disponibilizando as bolas para estas escolas, ou empresto, meu deus do céu que educação física é esta, eu não saberia te dizer se é culpa do profissional, do sistema ou da formação desse professor, que seja do município ou do estado, eu acredito que seja do sistema.

A13: eu gostaria de saber como era a divisão dos papéis da mulher e do homem, tanto na família quanto na escola, no trabalho e nos esportes?

G14: olha é uma pergunta fantástica essa tua, primeiro, eu cheguei em Porto Velho e era dividido as turmas, o nosso pessoal, nós os professores brigamos na época, para que as turmas fossem mistas, era dividido, as professoras davam aulas para as meninas e os professores davam aulas para os meninos, quando eu sai de lá já não era

mais assim isso no começo da década de 90, para mim isso foi um crescimento , não tem nada a ver, pelo amor de deus nós tínhamos que integrar e não separar.

A15: e como era a participação das meninas nas aulas?

G16: ótima, até melhor do que as dos alunos, sabe elas eram mais interagidas, lógico que se fosse trabalhar habilidades, a aquisição das habilidades era mais rápida para os meninos, até mesmo pelo caráter biológico de constituição do corpo humano, os meninos eram mais fortes, mais rápidos, mais ágeis, apreendiam mais rápido a coisas, mais para a participação para mim até hoje a mulher é mais participativa, os meninos davam cano.

A17: você falou que não eram turmas mistas, haviam então esportes femininos e masculinos?

G18: tinha! Na época de 80 por exemplo não se falava em futebol de salão para as meninas, deus me perdoe, era vôlei, basquete, dança e fim de papo, e os meninos faziam tudo menos dança, porque eles achavam que a dança era só para a mulher, inclusive nós tínhamos a professora Jacira, que dava ginástica e dança, e que ministrava uma área chamada de consciência corporal na qual os meninos não participavam, quando eu vim para cá , no cefet, a mente já era outra mas isso já nos anos 90, ai sim os meninos já participavam.

A19: apesar de você ter falado que as aulas não eram mistas, como era a relação dos meninos e das meninas, que você podia observar no ambiente escolar até mesmo no recreio?

G20: tinha preconceito, os grupos eram separados, eu me lembro perfeitamente, que eu até brincava... eu acrescentei nas nossas práticas internas, jogos de peteca, queimada, para tentar agrupar meninos e meninas, eu consegui, mas não foi no primeiro ano nem no segundo e os próprios pais não aceitavam, isso ai eu acredito, eu acredito não, eu tenho certeza que era um fator desencadeado pela cultura, então hoje

não, na época não se falava em baile funk, e hoje tá ai, todo mundo dançando junto, tá tudo misturado.

G21: ainda a respeito desse assunto um fato que me marcou, era o caso de duas atletas minhas, alunas índias que se tornaram atletas de nome no estado mais tarde, o que aconteceu, os pais não deixavam elas treinar de shorts, nem ir para a escola, era só de calça comprida, entendeu, e naquela época o uniforme do colégio para os meninos era calça, camisa e gravata e para as meninas saia e gravata, mas na hora da atividade física os todos os alunos e alunas trocavam de roupa e colocavam camiseta branca e shorts, porque o calor era muito intenso, tinha até um decreto estadual que estabelecia que a educação física deveria ser feita das 6:30 as 9:00 horas em virtude do calor que fazia depois desse horário, e ainda para piorar quase todos os colégios não tinham quadra coberta e tinham um piso de cimento que com o sol aumentava o calor, e no caso das duas meninas nos tivemos que chamar, e com uma conversa com o diretor e os pais nós conseguimos com que as meninas pudessem usar a saia e o shorts, mas não foi fácil, pelo fato das meninas terem vindo de uma comunidade indígena.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
DISCIPLINA DE SEMINÁRIO DE MONOGRAFIA B

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Georgio Roberto Malletta
professor de Educação Física, autorizo a acadêmica ANDRÉIA DANIELLE ANDRIOLI,
estudante da Universidade Federal do Paraná, regularmente matriculada sob o número
GRR20020334 no curso de Licenciatura em Educação Física, a publicar a transcrição da
entrevista realizada, que tem como objetivo cumprir uma das etapas da pesquisa de campo,
da monografia apresentada pela acadêmica para a conclusão do curso.

Por ser expressão da verdade, firmo a presente em duas vias de igual teor e forma.

Curitiba, 28 de outubro de 2005.

Georgio Roberto Malletta
Entrevistado

Andréia D. Andrioli
Acadêmica

ENTREVISTA 4 PROFESSOR MOLLETA

A1: gostaria de saber o ano o estabelecimento e o curso de sua formação?

M2: me formei em 1978, em Educação Física na Universidade Federal do Paraná, antiga Escola Superior de Educação Física do Estado do Paraná.

A3: você chegou a atuar como professor na escola na década de 80?

M4: eu me formei e logo já estava no mercado de trabalho, eu dava aula no cefet, mas comecei no Maria Aguiar Teixeira, trabalhei em escolas de São José dos Pinhais e no Colégio Silveira da Mota.

A5: você trabalhava com qual grau de escolarização?

M6: trabalhei com ensino fundamental, de 5^a a 8^a e ensino médio.

A7: já que você trabalhou em diversos estabelecimentos, vamos falar de algum que você tenha trabalhado por mais tempo nessa época, quanto a coordenação pedagógica, ela estabelecia os conteúdos, ou vocês professores tinham a liberdade de elaborar o plano de ensino?

M8: eu trabalhei bastante tempo no Vítor do Amaral e no Polivalente de Curitiba, ambas as escolas havia um direcionamento no plano de ensino que era comandado por uma equipe de professores do colégio, e tinha uma supervisora que monitorava tudo.

A9: e nessas escolas quais eram as práticas corporais que se tinham nas aulas de educação física?

G10: o enfoque era tecnicista, voltado mais para a parte esportiva, nós trabalhávamos os fundamentos básicos das principais atividades esportivas.

A11: nessa época qual era a importância da educação física para a formação do ser humano?

M12: ainda era na linha tecnicista, com desenvolvimento de habilidades, mas também com enfoque para a participação de equipes, grupos, através das regras do esporte poder se adaptar as regras da sociedade.

A13: e nessa época como era a divisão dos papéis sociais, para a mulher e para o homem, no trabalho, na família, na escola, etc?

M14: na escola, o que eu vivenciei nessa época de 80, não era diferente do que se tem agora, na escola nós vivíamos em mundo de igualdade, mas em algumas exceções, trabalhava-se com turmas separadas, onde uma professora dava aulas para as meninas, e um professor dava aula para os meninos, mas quando eu sai de lá, as turmas já estavam mistas para as aulas de educação física, fora do âmbito da escola eu posso lhe dizer que a mulher já vinha ganhando seu espaço, já vinha dividindo trabalhos que antes eram só masculinos, já havia um movimento feminista muito forte, e no âmbito esportivo tinha-se um movimento muito forte de mulheres praticando o futebol a nível competitivo principalmente no futsal que era a área que eu trabalhava, já havia muitos times em Curitiba, de destaque, principalmente no meio da década de 80 o futebol cresceu entre as mulheres na escola, mas não nas aulas de educação física, somente em atividades extra curriculares.

A15: nessa época como era a participação das meninas nas aulas de educação física?

M16: as meninas participavam, tinha uma boa procura as aulas de educação física por parte das meninas, as mulheres já começavam a se sobressair e a buscar espaço nos esportes masculinos, como o futebol, mas como conteúdo nós não chegamos a trabalhar com as meninas. E com os meninos o problema era com a dança, eles não dançavam por nada, e também nós professores não tínhamos o hábito de trabalhar a dança com os meninos, era mais complicado, quando se falava em dança, quem tinha o hábito de participar das aulas, até mesmo de expressão corporal eram as meninas, e os meninos quando participavam era com uma certa irregularidade, havia uma questão preconceitual principalmente se fala-se em danças históricas, danças mais

modernas os meninos até participavam, pela vivência que eles traziam de fora da escola, mas se fosse uma dança folclórica eles não participavam.

A17: e como era a relação dos meninos e das meninas nas aulas de educação física?

M18: eu acredito que dentro da liberdade, parte das meninas ficavam meio receosas em brincar com os meninos, mas elas aos poucos elas iam se adaptando, e aceitando com naturalidade a presença dos meninos, e estas as vezes dependendo da idade, não deixavam as meninas participarem de certas brincadeiras, assim como dificilmente se vis um menino pulando cordas com as meninas, aquele famoso futebol do recreio era um espaço somente masculino, e as meninas ficavam do lado jogando vôlei, ou até mesmo fazendo torcida para os meninos.

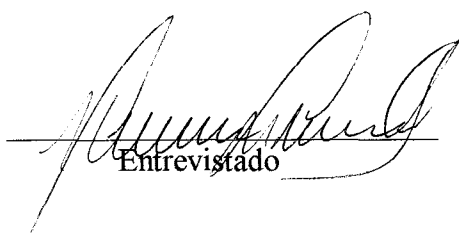
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
DISCIPLINA DE SEMINÁRIO DE MONOGRAFIA B

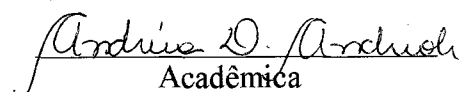
TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, FATIMAN CASRAL MADEIRA
professor de Educação Física, autorizo a acadêmica ANDRÉIA DANIELLE ANDRIOLI,
estudante da Universidade Federal do Paraná, regularmente matriculada sob o número
GRR20020334 no curso de Licenciatura em Educação Física, a publicar a transcrição da
entrevista realizada, que tem como objetivo cumprir uma das etapas da pesquisa de campo,
da monografia apresentada pela acadêmica para a conclusão do curso.

Por ser expressão da verdade, firmo a presente em duas vias de igual teor e forma.

Curitiba, 28 de outubro de 2005.


Entrevistado


Acadêmica

ENTREVISTA 5 PROFESSOR FATIMAN

A1: eu gostaria de saber qual é o ano e o estabelecimento sua formação?

F2: eu me formei em 1979, na primeira turma da Universidade Federal do Paraná tendo iniciado o curso na antiga Escola de Educação Física do Paraná a mais antiga do Brasil.

A3: nessa época você se formou e já começou a atuar na escola?

F4: minha primeira escola foi o Colégio Anglo Americano, um colégio que atendia todos os funcionários da obra de Itaipu, foi logo que me formei, e como eu era de Curitiba, eu resolvi fazer o concurso da prefeitura, passei no concurso e resolvi voltar para Curitiba, mas eu passei para o cargo de coordenação, o restante dos professores de educação física eram recreacionistas.

A5: você chegou a trabalhar com crianças de que série?

F6: com crianças de primeira a quarta, mas eu estava mais envolvido com os jogos escolares, eu organizava as equipes do colégio de várias modalidades, eu observava as aulas de educação física do colégio e selecionava aqueles que tinham mais habilidades.

A7: e nessa época quais eram as práticas corporais que se tinha nas aulas de educação física?

F8: na verdade, as escolas tinham um planejamento, que funcionava como um esquema geral para todas as escolas municipais, baseado na motricidade, em esquemas corporais, lateralidade, noção espaço corporal, mas isso funcionava de acordo com as capacidades da escola e com a realidade da comunidade escolar e as suas necessidades, e quanto aos professores, eles faziam um curso de reciclagem a cada ano para poder trabalhar com crianças de até 7 anos.

A9: tá, mas os professores tinham a liberdade em fazer seu planejamento, ou eles seguiam aquilo que era estabelecido pela escola?

F10: nós elaborávamos nossas aulas de acordo com a realidade da escola, com sua estrutura física, então certamente não seguíamos ao pé da risca tudo que era estabelecido pela secretaria, e também nós elaborávamos nossas aulas de acordo com os interesses da comunidade, mas certamente nos trabalhávamos muito com os esportes, principalmente com o atletismo, onde nós participávamos de inúmeras competições com as crianças da escola.

A11: e nessa época qual era a importância da educação física para a formação humana?

F12: não tinha esse enfoque, que tem hoje de melhoria da qualidade devida, a educação física ainda era muito influenciada pela política, nós estávamos em um período pós ditadura mas os traços do período ainda estavam presentes em nossas praticas, a Educação Física era militarista e tinha o dever de selecionar aqueles que tinham as habilidades para uma posterior ascensão nos esportes, seguia na verdade o modelo cubano, de quantidade de pessoas queria-se a qualidade, nem que fosse apenas um ou dois alunos de uma turma.

A13: e nessa época com era vista a divisão dos papéis do homem e da mulher na sociedade?

F14: eu vejo que as mulheres avançaram em diversos ramos, mas nós estávamos saindo de uma época de repressão, e conseqüentemente as mulheres por serem mais fracas perante o regime militar eram as mais submissas, sem contar que era uma época cercada de tabus e paradigmas envolvendo as mulheres, a respeito do corpo das roupas a até mesmo das praticas esportivas.

A15: como era a participação das meninas nas aulas de educação física nessa época?

F16: claro que era diferente da dos meninos, pois havia certas brincadeiras e atividades que elas não faziam assim como os meninos não participavam das danças por

exemplo, mas eu podia notar que as meninas eram muito empenhadas e que tinham um bom relacionamento com os meninos, apesar das diferenças biológicas e de corpo que influenciava na realização das práticas.


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
DISCIPLINA DE SEMINÁRIO DE MONOGRAFIA B

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, CARLOS EDUARDO DA COSTA SCHWEIDER
professor de Educação Física, autorizo a acadêmica ANDRÉIA DANIELLE ANDRIOLI,
estudante da Universidade Federal do Paraná, regularmente matriculada sob o número
GRR20020334 no curso de Licenciatura em Educação Física, a publicar a transcrição da
entrevista realizada, que tem como objetivo cumprir uma das etapas da pesquisa de campo,
da monografia apresentada pela acadêmica para a conclusão do curso.

Por ser expressão da verdade, firmo a presente em duas vias de igual teor e forma.

Curitiba, 28 de outubro de 2005.


Entrevistado


Acadêmica

ENTREVISTA 6 PROFESSOR SCHNEIDER

A1- Gostaria de saber o ano e o seu estabelecimento de sua formação?

S2- eu me formei em 1984 na Universidade Católica do Paraná.

A3 - você chegou a ministrar aulas nessa década em escolas?

S4 - sim, antes de se formar eu estagiava numa escola pública municipal, quando me formei passei no concurso do estado e passei a dar aulas aqui em Curitiba em um colégio da rede estadual, em 1987 comecei a dar aulas no CEFET-CTBA

A5- você dava aula para que nível de ensino?

S6- No estagio era de 1ª a 4ª serie, na escola estadual trabalhei com 5ª e 8ª serie e ensino médio, e no CEFET eu dava aulas apenas para o ensino médio.

A7- naquela época , quais eram as práticas corporais que você utilizava em suas aulas?

S8- eu vou falar mais do tempo em que eu dava aula no CEFET, porque foi o estabelecimento em que eu permaneci por mais tempo na década de 80. Apesar de toda uma tendência de tecnicismo que tínhamos na década de 80, muitos professores já adotavam as novas pedagogias que iam surgindo, então eu comecei a perceber que o ensino da Educação Física não poderia se restringir ao ensino sistemático dos esportes de quadra, que eram freqüentemente utilizados por todos os professores apesar de eu também ser um especialista em basquete. Nas minhas aulas diferentemente dos outros professores eu procurava desenvolver a expressão corporal, no começo foi difícil, pois eu encontrei muita resistência por parte dos alunos e por parte da equipes de professores do departamento de Educação Física do CEFET, as minhas aulas tinham como objetivo maior a integração e a sociabilização, então eu procurava organizar gincanas e dinâmica de grupo já que os alunos eram do ensino médio

A9 - quanto a coordenação pedagógica e ao planejamento, a coordenação estipulava os conteúdos e vocês apenas aplicavam ou vocês tinham a liberdade de fazer o próprio plano de ensino?

S10- era o grupo de professores do departamento, juntamente com o coordenador do departamento que discutiam os conteúdos, mas nós tínhamos a liberdade de estabelecer estes conteúdos, por isso eu não procurava trabalhar apenas com os quatro bols.

A11- na década de 80, como se via a importância da educação física para a formação humana?

S12- concerteza era para a promoção de talentos e desenvolvimentos de habilidades para o esporte, eu posso dizer que quase toda a década de 80 foi marcada pelos pilares da educação física militarista, que queria o adestramento do corpo e a melhor performance do indivíduo.

A13- e nessa época como era feita a divisão dos papéis atribuídos para os homens e para as mulheres?

S14- eu vou me prender a situação da mulher pois foi ai que observamos uma maior transformação, a mulher na época começou a dar seu grito de independência, pois as frentes feministas já se faziam presentes e cresciam a cada dia, mas as relações ainda eram marcadas pela opressão que vinha da década passada da ditadura militar, que fazia com que uma grande massa da população ainda ficasse oprimida, e a mulher concerteza era constituinte dessa massa, a mulher começou a ganhar espaço no trabalho efetuando tarefas antes somente feitas pelos homens, na família pelo que pude notar, ela atribui mais tarefas, pois além de cuidar da casa e dos filhos ela também foi ao trabalho e como acontece hoje serviu apenas para aumentar o estresse dentro da família, pois não se via quase os homens fazendo os serviços domésticos, isso concerteza sobrecarregou as mulheres e falando da educação física as mulheres passaram a praticar esportes antes praticados apenas pelos homens e nas aulas de

educação física começou a se fazer turmas mistas, e ela passaram a dar aulas para os meninos também.

A15-e como era a participação das meninas nas aulas?

S16- nas minhas aulas, a participação das meninas era muito proveitosa, porque eu trabalhava com expressão corporal, então a mulher é muito mais expressiva, ela conseguia trabalhar melhor com seu corpo, do que os meninos, pois a facilidade de expressar sentimentos e trabalhar em grupo era grande.

A17- e como você podia observar a relação entre meninos e meninas nas aulas de educação física?

S18- era engraçado, porque os meninos eram muito retraídos nas minhas aulas, e as meninas estimulavam a participação deles, através de conversas e até mesmo de piadinhas, então nos tínhamos um ambiente de descontração, os meninos eram resistentes a trabalhar e se expressar através do corpo, diziam que era coisa de mulher, mas aos poucos as turmas iam se unificando e todos ao final do ano participavam das atividades juntos.

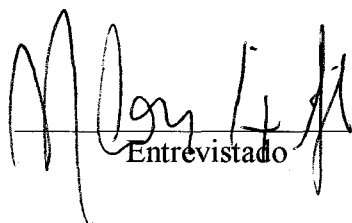
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
DISCIPLINA DE SEMINÁRIO DE MONOGRAFIA B

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Nelson Luiz Goulart Gonçalves
professor de Educação Física, autorizo a acadêmica ANDRÉIA DANIELLE ANDRIOLI,
estudante da Universidade Federal do Paraná, regularmente matriculada sob o número
GRR20020334 no curso de Licenciatura em Educação Física, a publicar a transcrição da
entrevista realizada, que tem como objetivo cumprir uma das etapas da pesquisa de campo,
da monografia apresentada pela acadêmica para a conclusão do curso.

Por ser expressão da verdade, firmo a presente em duas vias de igual teor e forma.

Nelson Luiz
Curitiba, 01 de ~~outubro~~ outubro de 2005.


Entrevistado

Acadêmica

ENTREVISTA 7 PROFESSOR NELSON

A1- Eu gostaria de saber o ano e o estabelecimento da sua formação?

N2- eu me formei em 1986 na Universidade Católica do Paraná.

A3- você chegou a ministrar aulas na década de 80?

N4- sim, estagiei em uma escola estadual aqui em Curitiba, depois de formado atuei em escolas estaduais de Curitiba como professor de Educação Física e como técnico de Handebol, ainda no final dessa década comecei a dar aula no CEFET- CTBA.

A5- você trabalhou com que nível de ensino?

N6- bem, nas escolas estaduais eu trabalhava com 5ª a 8ª série, e no CEFET com o ensino médio.

A7- naquela época quais eram as práticas corporais que se tinha em suas aulas?

N8- tanto de 5ª a 8ª série como no ensino médio eu trabalhava com esportes, vôlei, futebol, Handebol, atletismo e basquete.

A9- e a dança?

N10- a dança não,... a dança era um conteúdo difícil de se trabalhar na escola, não se tinha cultura, nem por parte dos professores em ensinar, e nem por parte dos alunos em aceitar a dança.

A11- e na época como se via a importância da Educação Física para a formação humana?

N12- Naquela época a visão da Educação Física era diferente, naquela época o que era proposto pelo governo era a esportivização através de incentivos ao esporte escolar e pelo programa do governo de Esporte para Todos, nos buscávamos em nossas aulas selecionar os melhores atletas para integrar as equipes representantes das escolas, então nos trabalhávamos nas aulas o desenvolvimento das técnicas e das habilidades

necessárias para a competição, no meu ponto de vista o fato de ensinar técnicas e estimular a competição fazia com que o aluno crescesse individualmente, para poder viver em sociedade.

A13- quanto ao plano de ensino a coordenação pedagógica, você tinha liberdade de estabelecer os conteúdos e construir o próprio plano de ensino?

N14- nos estipulávamos os conteúdos através de reuniões feitas com grupo de professores do departamento e com o coordenador, geralmente nos construíamos o planejamento e tínhamos liberdade quanto a escolha dos conteúdos.

A15- nessa época como era feita a divisão dos papéis para as mulheres e para os homens no trabalho, na família, no esporte e na sociedade em geral?

N16- para mim não era muito diferente do que se tem agora, a mulher naquela época era um pouco mais submissa mas lutava por direitos iguais, tanto no mundo do trabalho, quanto na família, o que eu noto de diferente é o tratamento quanto ao corpo, que naquela época era freiado pela censura da sociedade hoje, há uma maior liberdade e desinibição da mulher quando se fala em corpo, o que colaborou muito para que este corpo feminino, tornar-se um objeto da indústria cultural, na década de 80 a exaltação do corpo existia, mais dos corpos "masculino e feminino, sob outro olhar, o do corpo perfeito e sadio para a prática esportiva, não voltado para a indústria da beleza ou do sexo. No esporte eu pude notar que na década de 80 as mulheres começaram a praticar esportes antes praticados apenas pelos homens, como futebol e o boxe, mas o grande salto mesmo aconteceu na década de 90.

A17- e como eram a participação das meninas nas aulas de Educação Física nessa época?

N18- as meninas participavam,... sempre tinha uma ou outra que não gostava de algum esporte, o que diferenciava é como participavam, as meninas não tinham o rendimento esperado e demoravam mais tempo que os meninos para desenvolver as habilidades

esportivas, tudo relacionado é claro ao fator de constituição biológico do corpo, pois os meninos tem uma certa vantagem quando se fala de força ou rapidez.

A19- havia algum esporte que você costumava a não trabalhar com as meninas?

N20- sim, eu trabalhava muito o vôlei e o handebol..., o que eu não costumava a trabalhar com as meninas era o futebol de campo e o futsal.

A21- porque?

N22- geralmente o jogo das meninas era muito diferente dos meninos, elas não vivenciavam o futebol na rua ou no clube, e os meninos gostavam de um jogo mais dinâmico e com as meninas participando o jogo era mais morno, até porque as meninas tinham uma facilidade muito grande de se machucar né! Era sim praticamente em todos os esportes.